

**PIERRE WEIL**

Ondas  
à  
Procura  
do  
Mar

**PIERRE WEIL** é psicólogo francês, professor universitário e fundador de diversas associações nacionais e estrangeiras de psicoterapia.

Como psicólogo, fez estágios prolongados com mestres hindus e tibetanos; como escritor, é autor de vários “best sellers”, dentre eles **O Corpo Fala, Relações Humanas na Família e no Trabalho, Amar e Ser Amado e Revolução Silenciosa.**

Em *Ondas à Procura do Mar* o autor busca responder, de forma simples, simbólica e metafórica, perguntas fundamentais de origem existencial e espiritual, do gênero: Quem somos nós? Qual é a natureza do espírito? Qual é a relação do homem com o Todo?

O livro é resultado de uma pesquisa bastante valiosa e significativa que contribui de forma ampla para o processo educacional no âmbito da psicologia. É indicado para escolas secundárias, cursos superiores de Filosofia e Psicologia e para todos, adultos e adolescentes, que possam se interessar a respeito do tema.

É uma obra que diverte e liberta simultaneamente.

PIERRE WEIL

Ondas  
à  
Procura  
do  
Mar

1987

LIVRARIA AGIR EDITORA

Uma Estória para os que querem entender  
melhor o que fazem neste Mundo...

# CONTEÚDO

## CONVITE A DANÇA

### I. A BRISA

E eis como costuma começar a estória

### II. O VENTO

Ondina e a metamorfose das ondas

Das amizades de Ondina

Ondina aprende a ciência e religião dos ondinos

A conferência de Agadoisó e as entrevistas de Pena de Ganso

Amores de Brilhantina e Conta-Gotas

A loucura de Lunático e Onda Louca

Ondina se apaixona por Semáforo

Ondina na Gruta de Manitu

### III. A TEMPESTADE

As gotas de ouro aumentam a tensão interondina

A peregrinação de Brilhantina

Manitu começa a revelar o grande mistério

Os Ondinos vão à guerra

O Retiro do Penhasco

### IV. O GRANDE RETORNO

A Batalha da Grande Ilusão

O Grande Retorno

## EPÍLOGO

**CONVITE  
À  
DANÇA**

Era uma vez... aliás sempre houve e sempre haverá uma extensão incomensurável, um espaço azul, luminoso, brilhante, de uma beleza indescritível.

Ele está lá, com toda sua serenidade.

Uma paz infinita o inunda e o impregna.

É o Grande Oceano, o Grande Todo, este grande Ser sem forma, que forma as ondas de sua felicidade, verdadeiras ondas de luz. Esta plenitude, ele a vive constantemente graças ao grande arrepio de alegria que o percorre a intervalos regulares.

Trata-se, sem nenhuma dúvida, do maior balé do mundo: O BALÉ DO GRANDE ARREPIO DE ALEGRIA. Este grande espetáculo que ele mesmo se oferece a partir dele mesmo é simplesmente a expressão do imenso amor que o acaricia. Como Narciso, ele se ama, contemplando seu próprio reflexo em suas próprias águas.

Ele mesmo não tem história; cada grande arrepio tem uma. É sempre a mesma! E não me pergunte por quê! O Grande Oceano não tem “porquês”. Ele é mesmo a única resposta sem “pergunta”. Os “porquês” e suas “respostas” são apanágio do grande arrepio de alegria e das estranhas personagens encarnadas nas suas ondas; cada uma tem também sua história; como aquela de Ondina, de Grande Orelha, de Pena de Ganso, de Manitu, Respinguinha e ainda de muitos outros. Que eles me desculpem de não os citar todos aqui, mas eles são realmente muito numerosos.

Você quer saber mais? Você quer saber por que e como as ondas dançam um balé e se transformam em verdadeiras personagens como você e eu?

Pois bem...!

Aqui está a história do BALÉ DO GRANDE ARREPIO DE ALEGRIA.

**A BRISA**

## E EIS COMO COSTUMA COMEÇAR A ESTÓRIA

Ela começa sempre assim, a estória do Grande Arrepio de Alegria: Era uma vez uma extensão incomensurável, um espaço azul, luminoso, brilhante, de uma beleza indescritível...

E eis que a brisa do Amor do Grande Oceano se levanta. O silêncio absoluto que reinava até o presente, transforma-se em um grande som primordial, em um murmúrio tão doce como a canção de ninar de uma mãe que dança uma valsa lenta com o pai de seu bebê.

O Balé do Grande Arrepio de Alegria acaba de nascer. Um nascimento sem violência, até mesmo um nascimento sem grito; pelo contrário, um sorriso discreto banha toda a atmosfera: aliás se trata de um renascimento, pois esse balé se repete muitas vezes...

Docemente, estas ondas aparecem por toda parte; simultaneamente, em todo o horizonte, elas dançam o Balé do Grande Oceano.

Na realidade, é este Grande Todo que começa a arrepiar de alegria no recôndito de seu ser; cada uma de suas ondas é feita de verdadeira felicidade. Elas dançam em perfeita harmonia. Elas seguem, espontaneamente, uma lei que garante e sustenta essa harmonia.

Sem esta regra fundamental o balé se perde, seu ritmo inebriante se desfaz e o Grande Arrepio de Alegria desaparece. Esta lei de harmonia do Grande Todo é de tal maneira importante nesta história que eu me apresso a explicá-la.

Ela é tão simples, esta lei. Graças a ela, o Grande Oceano tem o poder milagroso de conservar cada uma de suas ondas, o tempo necessário para manter o Balé.

Eis portanto a Lei:

*Nenhuma onda pode aproximar-se muito, nem afastar-se demais da outra.*

Para a boa execução dessa Lei ele instituiu duas forças magnéticas opostas uma à outra. A primeira, positiva, faz com que as ondas sejam atraídas fortemente uma em direção à outra; a outra força magnética intervém cada vez que uma onda se aproxima demais da outra; ela as faz afastarem-se. Eu dou a vocês aqui o funcionamento geral: como toda Lei, ela tem algumas exceções em certas situações;

por exemplo, no caso de duas ondas que se amam e querem ter um bebê, ou quando as ondas fazem a guerra das ondas. Mas não nos antecipemos!

Eu lhes dou estes dois exemplos para mostrar-lhes como vai ser importante essa Lei.

A energia do Grande Todo se manifesta, pois, desta forma no começo de cada Balé. No mais, tem também a força da brisa que garante o movimento de todas as ondas e dirige as grandes etapas da história do Grande Arrepio de Alegria.

Estamos aqui na fase da brisa que corresponde à primeira infância do Balé.

Nesta época as ondas não sabem que são ondas. Elas não sabem absolutamente nada de nada porque não pensam ainda; não têm nenhum pensamento. Elas são ainda o Grande Oceano e nada mais; mas um dia vão esquecer-lo, ou melhor, o Grande Oceano, para aumentar sua alegria pelo seu arrepio, decidirá de pensar separadamente em cada onda... e é aí que as coisas vão se complicar!

Mas isto é o futuro. Pelo momento, o Grande Oceano desfruta da primeira etapa de seu plano de Balé! Pensa no plano e usufrui dele ao mesmo tempo.

Cada uma de suas ondas não é mais do que a expressão de seu grande arrepio de êxtase. Sim! O Grande Todo está em êxtase. Como é bom, como é doce, que maravilhoso para ele!

A cada momento ele é diferente pelas suas ondas que o mudam e o transformam. E no entanto, a todo instante, ele é o mesmo pela cor azul de sua brilhante luminosidade que traduz sua onipotência. Em cada onda está o mesmo pensamento; esse seu pensamento reproduzido milhões de vezes, como a lua que aparece em muitos copos d'água, ou o mesmo programa de TV em inumeráveis aparelhos receptores.

**O VENTO**

## ONDINA E A METAMORFOSE DAS ONDAS

Só o vento poderia começar esta transformação, esta metamorfose das ondas.

Você se lembra disto: sob a brisa o Grande Oceano estava presente em cada onda; pode-se mesmo dizer que ele era cada uma delas. Agora as coisas vão mudar. Para se amar mais e falar com ele mesmo, seu vento aumenta a altura de suas ondas.

Elas podem agora se ver uma às outras; com a condição, contudo, de ter a visão para isto. Para este efeito, o Grande Todo decide dar-lhes sua capacidade de sentir, de tocar, de ouvir, de saborear e de ver. Isto faz parte de seu plano que cada onda seja dotada, separadamente, de todas suas sensações.

Ela ouve agora o canto bem característico do vento que dita a cadência do Balé; a canção de ninar da brisa tomou o ritmo de uma valsa cadenciada. Quando uma passa ao lado da outra e a roça, elas percebem o som de um ligeiro “frufu”, ao mesmo tempo que sentem um toque muito leve.

Cada onda começa a perceber a sombra das outras que passam; muito vagamente a princípio, como um bebê percebe pela primeira vez o seio de sua mãe.

No final das contas, as ondas que começam a ver não podem fazê-lo senão à moda das vagas, quer dizer, “vagamente”...

Bem ! Voltemos ao sério e sigamos de mais perto Ondina e as mudanças que se operam nela. Ondina é uma das ondas. Ondina dança de acordo com o ritmo do vento e de seu canto; ela toma parte desse canto. graças ao frufu do qual acabamos de falar. Cada frufu quer dizer ao mesmo tempo: “Eu te amo, eu quero sua felicidade”; é como se Ondina e todas as outras ondas exteriorizassem os profundos sentimentos que animam o Grande Oceano.

Mas, pouco a pouco quando o frufu de Ondina diz “eu te amo”, é a uma outra onda que ela fala; não é mais o Oceano que se fala a si mesmo; ela não sabe mais que ela é o Grande Oceano; este, ao contrário, continua a saber que Ondina é também ele mesmo. Esta é uma operação mágica, uma espécie de ilusão de ótica; embora Ondina pense que ela é ela mesma, o Grande Oceano continua a saber que Ondina não é senão ele mesmo numa onda que se apercebeu que é diferente das

outras. É um pouco como quando estamos no cinema e que nos esquecemos quem nós somos no momento em que o bandido rapta a criancinha e que ao mesmo tempo sabemos que estamos no cinema; à saída temos a impressão de haver sonhado.

Em Ondina, o Grande Oceano vive uma espécie de sonho. E esse sonho torna-se cada vez mais intenso à medida que as sensações de Ondina e de todas as ondas se fazem mais precisas. É um período ainda muito obscuro para Ondina; ela não sabe mais que ela é o Grande Oceano, mas não sabe ainda quem é!

É apenas à medida que reencontra as outras ondas que seus sentimentos se desenvolvem. Por exemplo, a cada ruído ou frufu de contato, se associa a sensação da onda que segue ao lado de Ondina. Com isto, pouco a pouco, a audição dos sons e a vista das formas se aguçam. Os frufus coincidem por toda parte, sempre com o contato da onda que passa ao seu lado, se se pode exprimir assim para designar a base de seu corpo.

Ondina vê, ouve, toca e cheira um certo odor marinho.

O olfato de Ondina se refina, sem contar sua aptidão em distinguir o gosto de outras ondas, proveniente de gotículas que salpicam em sua boca, porque agora ela tem uma boca bem sua; é um sabor iodado e salgado, bem específico.

Ondina começa também a distinguir seu corpo dos outros corpos das ondas, graças ao seu movimento de dança que contribui para criar a idéia de separação, idéia de que ela é uma onda separada das outras ondas.

E eis que já muitas vezes, quando seu corpo toma um determinado ângulo, ela vê o reflexo de sua forma e movimento na água.

Sim! Decididamente Ondina sente que ela é alguma coisa separada das outras. Alguma coisa ou alguém? E então que, pouco a pouco, ela se põe a comparar as diferentes sensações entre elas, das ondas que passam com o reflexo de seu próprio corpo que agora ela já tem o hábito de reconhecer. Ela compara suas percepções entre elas; mede com os olhos e eis que começa a pensar; a princípio com as imagens, estas espécies de fotos que lhe passam pelo espírito. E depois, vêm os nomes; já várias vezes ouviu seu nome pronunciado por outras ondas mais velhas do que ela e que decidiram chamá-la assim: Ondina. Isto soa bem em sua orelha, pois ela tem uma, ou melhor ainda, duas; estas ondas mais velhas provêm

de outros arrepios de alegria, de outros lugares do Grande Oceano, o que faz com que a linguagem das ondas se perpetue de arrepio em arrepio.

Não somente a linguagem, mas também a ciência, a história, a geografia e a literatura, são também conservadas assim e transmitidas de geração em geração e muitas outras coisas ainda que Ondina vai descobrir pouco a pouco à medida que ela vai dançar o Balé do Grande Arrepio de Alegria.

## **DAS AMIZADES DE ONDINA**

Quanto mais Ondina pensava nas semelhanças e diferenças das ondas que ela reencontrava em seu caminho, mais ela queria saber; uma curiosidade insaciável se apossou dela. Ela queria aprender tudo daqueles que sabiam mais do que ela; e era isto que faltava. De dia, tagarelava com as outras ondas, dançando com elas; à noite continuava a dançar, mas sem falar; ela nem mesmo pensava durante a noite; foi bem mais tarde que compreendeu por que, o que foi uma surpresa para ela e para todos aqueles que aprenderam certos segredos da vida das ondas com Manitu; é uma surpresa que reservamos para você também, você que nos acompanha neste Grande Balé.

Ondina compreendeu também mais tarde por que queria tudo saber. Pouco a pouco começou a sentir prazer em se contemplar na água; passava horas a admirar-se; ora, isto a perturbava; e mais tarde foi tomada de uma vaga (ainda...!) nostalgia, de uma espécie de sentimento de que lhe faltava alguma coisa, ou alguém, o que lhe dava algumas vezes uma tristeza infinita; ela se sentia constantemente só no meio da multidão.

Um dia, Manitu, o Sábio, a fará sair deste estado que se torna mais forte na adolescência, mas que se prolonga por muito tempo após, se bem que mais fraco. No fundo dela nasceu uma questão essencial que se tornou mais clara à medida que envelhecia: “Quem sou eu? O que faço aqui? Por que é que eu existo?” Só quando encontrar Manitu virá a resposta verdadeira a estas perguntas e a paz interior, graças a uma experiência secreta.

Na espera, ela passeia e aprende um tanto de coisas e conhece um tanto de pessoas, perdão... de ondas.

Uma das primeiras descobertas que fez é que havia uma diferença fundamental que dividia as ondas em duas categorias: as masculinas e as femininas; e aos poucos constatou que havia ondas mais fortes que as outras; quando ela as roçava, seu frufu era mais acentuado e seu contato mais brusco. Na adolescência começou mesmo a sentir uma espécie de atração por estas ondas. Durante muito tempo, ela pensou que esta nostalgia que sentia tinha qualquer coisa a ver com esta atração. Com os mais velhos, aprendeu que havia efetivamente duas grandes categorias de ondas: os Ondinos e as Ondinas e que ela era uma Ondina; e havia-lhe dado até o nome de Ondina porque as pessoas achavam que ela verdadeiramente era muito, muito ondina; muito mais do que as outras ondinas, era doce, carinhosa, cheia de charme e toda inquieta quando os ondinos se aproximavam dela. Ondina requebrava mais do que as outras ondinas; é por isto que muito cedo ela atraiu o ciúme e a inveja. As outras ondinas não atraíam de tal maneira a atenção dos ondinos porque elas não se remexiam com a maneira graciosa de Ondina e, portanto, quando elas se miravam nas águas, viam, confusas, que Ondina era muito mais bela; sobretudo à claridade da lua. Ondina era bem mais branca. Quanto aos Ondinos, eles brilhavam mais ao sol do que as Ondinas.

E foi assim que se acentuou mais e mais na mente de Ondina a crença de que ela era diferente dos outros Ondinos, e da água onde se refletia.

É por causa desta crença que Ondina aprendeu a falar em termos de “Eu” e de “Mim”. Isto-lhe deu uma segurança muito grande de poder dizer: “Eu danço” ou “Eu vejo”; apareceu o prazer de poder afirmar: “Meu corpo”, “Minha brancura”; foi assim que nasceu nela, pouco a pouco, o sentimento de orgulho; é bem verdade de que era um orgulho normal a quase todos os Ondinos e Ondinas; não como o de sua amiga Brilhantina, porque esta tinha um orgulho verdadeiramente exagerado; foi-lhe até dado este nome por causa da vaidade de que tinha de ser mais brilhante do que os outros. Era preciso fazer-lhe elogios para ser sua amiga; ela menosprezava as pessoas que não os fazia; ou pior ainda, as odiava. Ondina compreendeu isto desde o início. Eis por que, antes de entabular uma conversa, elogiava a beleza de seu brilho. Olhe! Ela está chegando!

- Bom dia, Brilhantina, como você é bela! O reflexo brilhante de seu corpo está mais soberbo que nunca!

- Bom dia, Ondina; é verdade o que você disse aí; olhe minha espádua direita; ela tem um brilho todo dourado hoje; como isto me torna feliz!

Seu torso se inchou de orgulho; seu brilho aumentou ainda e ela começou a requebrar mas não tão bem como Ondina; ninguém ultrapassava o modo de remexer-se de Ondina e disto ela tinha um certo orgulho; mas não o demonstrou na presença de Brilhantina; bem ao contrário!

- E como você se movimenta bem, Brilhantina!
- Você acha mesmo?
- Mas sim! Olhe, outro dia eu vi Conta-Gotas se voltar ao ver você passar tão bem você se remexia.

O brilho da testa de Brilhantina tornou-se vermelho de emoção:

- Conta-Gotas! Ele me agrada, este rapaz; isto me faz sonhar... imagina você, Conta-Gotas e eu, que casal maravilhoso seria! Todo mundo nos admirará e morreria de inveja; você já pensou? meu brilho se ajuntando às gotas de ouro que ele coleciona todo o tempo; eu poderia mesmo ajudá-lo a fazer coletas! Oh! Ondina, você quer apresentar-me?
- Mas, lógico! A próxima vez que eu o encontrar faço-lhe um sinal, sim?
- De acordo!

E elas se separaram com esta promessa.

Brilhantina partiu sonhando com Conta-Gotas e no prestígio de suas gotas de ouro; quanto à Ondina, esta conversa lhe deixou uma certa amargura.

- Eu, Eu, Mim, Mim, Mim, Eu, Eu.... E tudo que ela sabe dizer, esta Brilhantina!

Ondina imaginava agora o par eventual; evidentemente havia bastantes pontos comuns entre os dois: o orgulho de Brilhantina com a avareza de Conta-Gotas. Ah! Eu me esqueci. Permita-me apresentar-lhe Conta-Gotas. Ele é chamado assim por causa de sua parcimônia; ele era avaro e passava seu tempo a colecionar gotas de ouro. Você me pergunta o que é uma gota de ouro? Você não sabe? Você deveria saber! E o que há de mais precioso no mundo dos ondinos, pelo menos de uma parte dos ondinos, os que são chamados de agadoisoístas (o que é um

agadoisoísta, eu lhes explico mais tarde, senão seria muita coisa para ser explicada de uma só vez!); as gotas de ouro são as gotas brilhantes; elas são mais freqüentes em regiões onde há mais sol; mas lá elas não duram muito tempo, o que fazia o desespero de Conta-Gotas.

— Seis milhões quatrocentos e cinqüenta e um, seis milhões quatrocentos e cinqüenta e dois, seis milhões quatrocentos e cinqüenta e três...

Cada gotinha brilhante que ele encontrava e que salpicava das outras ondas, ele se apossava dela e contava sem cessar; passava seu tempo a contar as novas gotas de ouro; ao mesmo tempo ficava infeliz, tenso e ansioso porque as gotas de ouro não duravam muito! Assim nutria um sonho; ele ouvira falar de gotas de ouro sólidas que se encontravam nas regiões glaciais; eram gotas de ouro congeladas; elas eram menos brilhantes, mais brancas, mas elas duravam; este sonho de ter gotas congeladas tornou-se uma idéia fixa; este será mesmo um dia um motivo de guerra entre os Ondinos...

Na primeira vez que ele viu Brilhantina, o que justamente o atraiu foi o número excepcional de gotas de ouro que salpicavam de seu corpo; era um verdadeiro fogo de artifício de gotas de ouro; ele mesmo conseguiu apossar-se de algumas delas; as gotas de ouro de Brilhantina eram na verdade muito, muito brilhantes! Que alegria em contá-las e que tristeza vê-las desaparecer tão depressa. Foi aí que lhe veio uma idéia genial: fazer a corte a Brilhantina e declarar-lhe seu amor, pois ele pensava agora que a amava; na realidade, confundiu seu interesse em gotas de ouro com o amor; é uma confusão que fazem muitos ondinos, diga-se de passagem. Mas os outros ondinos nutrem em geral outros sentimentos, em particular, a atração que sentem à passagem de uma ondina. Conta-Gotas sentiu isto muito pouco, de tal maneira estava siderado pelas gotas de ouro e ocupado em contá-las; nem mesmo chegou a distinguir esta atração pelas gotas de ouro da atração por Brilhantina; ele tomou uma pela outra; isto não é muito diferente em toda parte, pois as duas levam os ondinos a querer possuir; no caso que chamam de amor, eles querem possuir-se mutuamente; no caso de gotas de ouro, querem possuí-las... E quanto mais crêem no seu “Eu” e seu “Mim”, mais crêem também que podem possuir qualquer coisa, ou qualquer um...

Conta-Gotas combina agora as duas possessões em uma só pessoa: Brilhantina. Não é como o amor de Respinguinha! Falaremos dela mais tarde; amor verdadeiro é este Amor de Respinguinha!

O amor de Conta-Gotas o fazia sonhar. E eis seu sonho: conquistar Brilhantina; com isto ele teria o tempo todo uma fonte viva de produção de gotas de ouro à sua disposição! E mais tarde, quem sabe, eles viajarão juntos, dançando até chegar à fonte das gotas de ouro geladas; e então, Brilhantina produzirá gotas de ouro que duram; estas serão as melhores gotas de ouro que jamais se produziu sobre a face do Oceano!

Ele não sabia como seu sonho estava prestes a se realizar! Ondina continuava a dançar ao ritmo ditado pelo vento e a pensar em Conta-Gotas e no orgulho de Brilhantina. Ela os compara a Respinguinha. Que diferença! Respinguinha tinha o coração na mão. Ela respirava a bondade; sua beleza era interior. Enquanto Conta-Gotas não pensava senão em apossar-se das gotas de ouro e guardá-las, Respinguinha distribuía as suas a todo mundo que precisasse; é que as gotas de ouro serviam entre outras coisas para manter ou restabelecer a saúde e a força de uma onda doente ou fatigada; a todos os sofredores que ela encontrava em seu caminho, distribuía as gotas de ouro. Antes de pensar em Brilhantina, Conta-Gotas quis ter uma relação amorosa com Respinguinha; eles chegaram mesmo a freqüentar-se durante certo tempo; Respinguinha tinha piedade de Conta-Gotas; o que a tocava mais era sua insatisfação permanente. Mas isto não durou muito, porque Conta-Gotas tornou-se ciumento e queria todas as gotas de ouro para si mesmo. Respinguinha se deu conta depressa de que não podia mais dá-las a todo mundo que tinha necessidade delas; Conta-Gotas, de seu lado, lhe fazia, sem cessar, cenas de ciúme; no curso da última, a mais violenta, ele lhe virou as costas e partiu dançando no sentido oposto, o que era contrário à Lei da qual falei logo no começo; ele quase foi engolido por um turbilhão.

Quanto mais Respinguinha dava as gotas de ouro, mais ela tinha capacidade de produzi-las; era um verdadeiro milagre! Conta-Gotas, ao contrário, perdia suas forças proporcionalmente ao número de gotas de ouro que ele tentava armazenar: quanto mais tinha, mais perdia.

Ondina amava muito Respinguinha; elas eram mesmo muito amigas.

- Olá! Você por aqui? Como vai sua vida? Você se restabeleceu de sua gripe? Espero que o reforço das gotas de ouro que salpiquei sobre você tenha lhe feito bem!

Respinguinha cruzou com Ondina por acaso:

- Pobre Pena de Ganso! Eu a vi agora, ela tem uma câimbra na mão; ela escreveu todo este último tempo. Eu a salpiquei caprichosamente, e opa! findou a dor! Como estou contente!

Sim! Respinguinha era verdadeiramente um ser raro entre as ondinas; sentia prazer em aliviar os outros de seus sofrimentos; a verdadeira compaixão! Ela vibrou de alegria quando soube que Ondina tinha apresentado Conta-Gotas a Brilhantina; porque, apesar de tudo, amava Conta-Gotas; como a todo mundo, lhe desejava o bem; este é o verdadeiro amor; e em vez de ficar ciumenta, a idéia da perspectiva da felicidade, ou pelo menos da alegria de Conta-Gotas, a encheu também de alegria. Ela até mesmo vibrou de regozijo ao pensamento da alegria de Brilhantina, malgrado não conhecê-la. É muito raro, entre as ondas, alguém que conhece todo mundo sem exceção; as ondas, em geral, não amam senão alguns amigos ou parentes; e mesmo isto com muita reserva. O Amor e a Compaixão de Respinguinha eram ilimitados.

Mais tarde Ondina aprende com Manitu, o Sábio da Caverna, de onde vem esta pureza de coração. Ondina, no fundo, gostaria de ser assim; mas ela também tem dificuldades; divide as pessoas em boas e más; os defeitos dos outros, como, por exemplo, o orgulho de Brilhantina ou a avareza de Conta-Gotas a irritam; como é naturalmente gentil, ela mantém boas relações com eles; mas isto não é o amor incondicional de Respinguinha ou de Manitu; porque Manitu também é assim. Malgrado seu isolamento na gruta do Grande Penhasco, ele recebe todo mundo que vai procurá-lo com o mesmo fervor e o mesmo devotamento caloroso e cheio de entusiasmo. Salvo que lhes dá algo bem mais importante do que as gotas de ouro!

Disto falaremos mais tarde...

Aliás, Ondina ainda não conhece Manitu; ainda não está preparada para receber os seus ensinamentos; por enquanto, quer viver a vida e conhecer tudo. Sua curiosidade será muito satisfeita em seus encontros com Dixite. Dixite é um velho professor que passa seu tempo a estudar e ensinar; ele sabe das coisas, este Dixite!

Seu aluno preferido, o Pesquisador, estava justamente com ele quando Ondina foi fazer-lhe uma visita, dançando, bem entendido: pois é dançando como todos os ondinos que Dixite ensina.

## **ONDINA APRENDE A CIÊNCIA E RELIGIÃO DOS ONDINOS**

Ela aprendeu coisas de Dixite desde sua primeira visita! Ela sabe agora que há regiões frias e glaciais e regiões quentes; ela compreende muito bem por que à noite seu corpo se resfria e de dia se torna mais quente; sabe também que vive numa região muito quente; nas regiões glaciais muitas ondas morrem tornando-se sólidas. Ela chegou justamente no momento em que Dixite explicava ao Pesquisador as diferentes maneiras pelas quais os ondinos têm de morrer. Pesquisador é seu aluno preferido, porque ele adora fazer perguntas; e como Dixite gosta de responder, eles se entendem muito bem!

Pesquisador: – Eu pensava que as ondas não morriam senão nos turbilhões ou de velhice quando seu corpo diminui e elas desaparecem... Elas morrem também congeladas?

Dixite todo contente pela ocasião de explicar alguma coisa, começa a vibrar de prazer:

— Sim, e há também a morte no turbilhão e a morte de velhice por absorção; é o que nós chamamos de enmarmento; há também o enterro.

Pesquisador: – O que é isto, enterro?

Dixite: – Enterro é quando uma Ondina ou um Ondino se aproximam muito da costa; eles são então atirados em direção à terra e literalmente são destruídos por ela; é o que aconteceu com Risco. Vocês se lembram bem de Risco, aquele rapaz que adorava afastar-se das outras ondas, roçando os turbilhões; todo o mundo o admirava no seu esporte aventureiro e imoral. Pois bem, um dia ele se cansou deste gênero de aventura e se especializou em dançar sobre o limite onde começa a atração da terra; e passou muito tempo até o dia em que ele vacilou e opa! perdeu o controle e se fez enterrar. Bem feito! Ele jamais quis seguir minhas lições de obediência absoluta à Lei.

Assim, Ondina recebeu de Dixite excelentes ensinamentos de moral; era verdadeiramente imoral aproximar-se muito de outra onda ou separar-se das ondas. Risco não acreditava absolutamente nesta Lei; e muitas vezes ele encontrou meios de contorná-la. Ondina tinha algumas vezes também dúvidas sobre esta moral; quando ela falou disto a Agadoisó, o ondino cientista deu uma gargalhada:

- É uma Lei da Natureza, é uma Lei científica; nós a chamamos de Lei Magnética, nenhum Ondino, nem nenhuma Ondina, podem aproximar-se ou afastar-se muito um do outro; se eles se aproximam demais, eles se fundem um no outro e desaparecem por enmarmento; se se separam muito morrem por turbilhonamento, ou por enterro se estão próximos da costa.

Isto é o que diziam todos os agadoisoístas, os partidários de Agadoisó; porque Agadoisó era muito célebre por causa de sua teoria sobre a composição atômica da água, e ele criou um partido com milhões de discípulos.

Dixite, ao contrário, embora muito inteligente e Professor, era um Oceanusista; os Oceanusistas adoravam Oceânus, uma divindade muito severa e que, num dia de trovão, tonitruou:

Você não se misturará à outra onda.

Você não se afastará das ondas.

Você trabalhará na Dança sem cessar.

Os Oceanusistas eram muito rígidos com sua moral, o que se refletia em sua dança; ela não era mais uma valsa harmoniosa; mais parecia um foxtrote; eles tinham tal medo de serem punidos por Oceânus que não escutavam mais a música harmoniosa do vento; eles se olhavam uns aos outros por medo de ultrapassar os limites.

É que Oceânus havia vociferado demais:

“Aqueles que desobedecerem à minha Lei serão punidos de morte e não retornarão ao meu seio.”

E como no curso da história do Balé fez bastantes enterros e turbilhonamentos, os oceanusistas estão agora com medo de morrer desta maneira; o enmarmento eles aceitam mais facilmente porque ele lhes disse que se

obedecerem à Lei, continuarão a viver numa felicidade permanente; se, ao contrário, desobedecerem, serão fervidos ou congelados pela eternidade. É isto justamente que eles estão tentando evitar a todo preço; acreditam até que Oceânus tenha punido a espécie ondina e a tenha condenado a dançar dia e noite por tê-lo desobedecido; parece mesmo que o primeiro ondino se deixou tentar pela primeira ondina e quis com isto saber um pouco mais... foi aí que tudo começou... Ondeva, a primeira ondina, teria oferecido o salpico de uma primeira gota de ouro a Ondão, o primeiro ondino; ele teria aceitado. Conta-se também que Ondeva teria sido proveniente de uma parte de Ondão! Tudo isto está escrito nos anais da história sagrada que os Oceanusistas distribuem gratuitamente, quer dizer, sem pedir, a quem os quiser, gotas de ouro em troca.

Um dia Ondina encontrou um grupo de Oceanusistas que, dançando, escutavam atentamente um sermão de Orátus, o chefe espiritual atual:

“Meus queridos amigos Ondinos!  
Minhas queridas amigas Ondinas!  
Adoremos Oceânus, porque é a Ele que devemos tudo! Foi Ele que nos criou, porque Ele é o pai de Ondão, o primeiro ondino, ele é também nosso Pai, de nós todos.  
Amaldiçoados sejam aqueles que desobedecerem à sua Lei!  
Eles não são dignos senão de nosso mais profundo desprezo.  
Estes desprezíveis, estes imorais que se aproximam muito uns dos outros, ou estes egoístas que querem dançar inteiramente sós.”

Neste momento passa justamente o filho de Risco, que seguiu o exemplo de seu pai, sabendo muito bem que este morreu por enterro por ter freqüentado muito os limites proibidos. Risco Júnior, como se chamava, se divertia loucamente em roçar os limites de contato das ondas; preferia as ondinas; arriscava assim a vida por fusão; chegou a atacar um Oceanusista. Todos os membros do grupo tornaram-se vermelhos de furor:

— Porcalhão! Fora de campo! Vamos destruí-lo! Imoral! Abaixo Risco Júnior!

E assim foram as invectivas com as quais os Oceanusistas bombardearam Risco Júnior, que aliás não prestou a mínima atenção; ele não acreditava nestas histórias para boi dormir; a verdade era o que seu pai havia ensinado; para ele, Oceânus era uma história para criancinhas e nada mais do que isto. Ele estava de

acordo inteiramente com Agadoisó; a água é feita de átomos de hidrogênio e oxigênio; e isto é tudo! A fórmula de  $H_2O$  é a última verdade; admirava muito Agadoisó por ter recebido esta fórmula como nome próprio. Era verdadeiramente uma grande honra. Um dia ele se divertiu muito; foi quando foi roçar as zonas geladas das regiões frias para experimentar um segredo que lhe havia confiado seu pai. Foi lá que viu os discípulos de Orátus, em peregrinação, adorando um imenso ondino gelado, muito belo, aliás, em sua brancura de Iceberg; era uma estátua de Oceanondino, o ondino que se dizia Oceânus, e que, por este sacrilégio, foi condenado à morte pelos ondinos da época; estes julgavam impossível que um ondino pudesse ser Oceânus .ao mesmo tempo; eles eram muito rigorosos sobre isto e todo ondino que se dizia Oceânus era punido de morte por turbilhonamento. Foram os ancestrais desses ondinos que receberam a Lei; eles receberam instruções diretas da Lei. durante uma tempestade memorável!

## **A CONFERÊNCIA DE AGADOISÓ E AS ENTREVISTAS DE PENA DE GANSO**

Ondina não sabia o que pensar diante destas duas grandes correntes de opinião pública; ela se tornava mesmo cada vez mais embaraçada ao ver os ondinos brigando em nome destas idéias.

Sua confusão aumentou no dia em que assistiu a um curso de Agadoisó sobre a natureza das ondas; isto então foi muito forte para ela; sabe você o que este sábio afirmou? Pois bem, eu convido você para assistir a uma parte de sua dissertação; Ondina estava toda orgulhosa de constatar que pessoas tão ilustres como Pena de Ganso, escritor e jornalista, Gênus, o inventor, Musinha, a famosa ondina poetisa, e Teólogos queriam marcar sua presença neste extraordinário evento, no curso do qual Agadoisó iria comunicar ao erudito público sua nova teoria:

“Respeitáveis autoridades presentes!

Ondinos e Ondinas!

Dancemos em homenagem à Ciência, pois é graças a ela que lhes apresento hoje uma descoberta que revoluciona tudo que eu pensava até o presente sobre a origem dos ondinos.

Depois de minha última descoberta sobre a composição da água em Hidrogênio e Oxigênio, resumida na fórmula  $H_2O$  que todos vocês bem conhecem, fui levado a examinar de mais perto a composição das gotas de ouro; a hipótese é que, como as gotas de ouro emanam do corpo dos ondinos, se se chegar a conhecer a composição de uma gota de ouro, saber-se-á de que é feito um ondino.

Pois bem!”

Ele se calou um instante para criar um ambiente de suspense:

“As gotas de ouro são de água, e se as gotas de ouro são de água, os Ondinos também são feitos de água!”

Um murmúrio de estupor, até mesmo de assombro, atravessou a multidão.

E Agadoisó acrescentou com um ar orgulhoso e vitorioso:

“Isto prova que nossa origem não é Oceânus como afirmam os ondinos supersticiosos, mas o hidrogênio e oxigênio.”

E sua voz se fez tão tonitruante que enfureceu os partidários de Oceânus quando ditou sua Lei:

“Nossa origem, nós os ondinos, é H... Dois... OOO!”

O final se prolongou e perturbou o ritmo da dança, pois modificou a música do vento; isto não durou, felizmente, senão um momento, pois iria desorganizar uma boa parte do Balé do Grande Arrepio de Alegria, porque havia milhares de Ondinos que assistiam a esta comunicação histórica. É verdade que aconteceram muitos acidentes: uma Ondina de certa idade saiu do ritmo e se fundiu com um jovem Ondino; eles desapareceram rapidamente. Alguns outros, paralisados pela surpresa, se afastaram da multidão e foram absorvidos por turbilhões; isto era, aliás, prova tangível do pecado cometido por Agadoisó, do ponto de vista dos Oceanusistas; que sacrilégio! Isto não podia continuar assim por mais tempo! Os que estavam presentes se retiraram imediatamente em sinal de protesto; eles estavam simplesmente indignados! Prometeram fazer um relatório imediato a Orátus; era necessário acabar de uma vez com Agadoisó e seus partidários!.

Pena de Ganso tomava notas, observava tudo que se passava e na saída fez várias entrevistas.

Gritos histéricos:

— “Abaixo os Oceanusistas” eram misturados à emissão de um lema cadenciado:

— Agadoisó ao poder! Agadoisó ao poder!

Ela assistiu a qualquer coisa de lamentável; justamente diante de seus olhos, um agadoisoísta fanático saiu do ritmo da dança, precipitou-se sobre um Oceanusista tão fanático como ele que urrava:

— Abaixo Agadoisó!

Em alguns segundos, os dois se fundiram e desapareceram por morte por fusão; isto quer dizer, a morte daqueles que se aproximam muito um do outro; foi também o que veio a acontecer à velha dama ondina e ao jovem ondino. E bem triste ver tudo isto! Pena de Ganso tomou nota deste último feito que arriscava pôr fogo na fogueira, ou melhor, provocar um grande Salpico de lama, se quisermos nos exprimir em termos ondinos. Ondina se encontrava bem perto; pela primeira vez em sua vida, acabava de assistir a uma fusão e se perguntava se seria verdade o que dizia Orátus, isto é, que as pessoas que se fundiam durante a cólera iam para uma espécie de inferno onde seriam fervidas pelo fogo do sol. Ela assistiu também pela primeira vez às entrevistas feitas por Pena de Ganso.

Pena de Ganso era uma jornalista e escritora renomada. Ela interrogou a princípio um agadoisoísta que passava por aí:

— Você quer dizer aos leitores da “Gazeta Ondina” qual é sua opinião sobre a conferência do Professor Agadoisó?

A resposta foi instantânea e fulgurante:

— Fantástica, fatos indiscutíveis; é a revolução do século! Como a “Gazeta Ondina” era um jornal que não tomava partido, em suma, um jornal neutro, era necessário entrevistar também, imediatamente, um Oceanusista; eles se haviam retirado todos, escandalizados. Ela, no entanto, encontrou um último que queria fazer um relatório mais completo a Orátus e que havia decidido ficar até o fim:

— E verdadeiramente inadmissível; uma mentira grosseira! A origem dos ondinos é Oceânus; isto não pode absolutamente ser a água; é mesmo

ridículo pensar que nós fomos criados pela água! Agadoisó é, ou louco, ou muito astucioso; ele vai acabar mal! Oceânus já começou a grande punição: as fusões e os turbilhões acabaram de mostrar sua vingança e nós vamos ajudar Oceânus; basta que Orátus nos dê a ordem! Eu vou vê-lo para contar-lhe em detalhes tudo que aconteceu; eu lhes garanto que vai ser um caso sério!

Pena de Ganso sentiu um frio nas costas; reteve um calafrio de horror, porque queria guardar sua aparência de neutralidade; a situação era mesmo perigosa e grave; isto poderia terminar em massacre ou suicídio coletivo por salpicos de lama ou fusão geral! Ela estava quase em pânico; Ondina também tinha medo.

Eis aqui Teólogos, um filósofo notável e muito conhecido por seus trabalhos sobre a natureza de Oceânus! Ninguém melhor do que ele para dar uma opinião autorizada; quando se diz uma opinião autorizada, não se sabe bem quem autoriza; em todo caso, é uma autoridade respeitável e respeitada.

Ondina estava muito curiosa por conhecer a resposta de Teólogos à pergunta de Pena de Ganso:

- Após a declaração do Professor Agadoisó, você pensa ainda que Oceânus é o criador dos ondinos?
- Mas certamente, minha querida Pena de Ganso. Como você queria que fosse de outra forma? Oceânus é a causa primeira. O primeiro princípio da existência. Antes dele não havia nada; sem ele seria necessário inventar um!

Timidamente, Pena de Ganso arriscou uma segunda pergunta, apesar de não haver compreendido muito bem a resposta de Teólogos:

- Sim, mas, e a água?
- Oceânus foi o Criador de tudo, ele criou também a água; nada impede, aliás, que tenha sido a partir da água que ele criou Ondão, o primeiro ondino. Os anais secretos não dão nenhuma precisão a respeito deste assunto; não há, portanto, nenhuma contradição entre a descoberta do Professor Agadoisó e o ponto de vista Oceanusista! Eu acho que ele foi

um pouco precipitado em suas conclusões, que arriscam provocar uma grave crise entre os ondinos.

Pena de Ganso ficou muito contente por haver encontrado alguém que deu uma opinião conciliatória; ainda havia uma esperança. .. Quanto a Ondina, ela havia compreendido muito bem o que ele queria dizer: era mesmo necessário que tivesse havido um começo para tudo; esse começo era Oceânus; senão, seria preciso inventar um começo do começo do começo e assim por diante; mas, era mesmo difícil de digerir esta idéia de que ninguém havia criado este Oceânus; como tinha sido então? Ela imaginava uma Grande onda; era tudo que ela conhecia, ela que vivia apenas no meio de ondas. Oceânus não podia ser senão uma grande onda! um ondino bem maior que os outros, por que não?

Foi pensando em tudo isto que continuou seu caminho, dançando e se perguntando se Oceânus dançava também assim, todo o tempo.

De qualquer maneira estava cansada destes conflitos e queria mudar de atmosfera, e se possível fazer alguma coisa de útil; se lembrou da promessa feita a Brilhantina de apresentá-la a Conta-Gotas; ele vai aceitar? Ela o encontrou então; ele estava radiante:

— Seis milhões novecentos e noventa e nove... Sete milhões! Viva!

Se não houvesse a Lei que impedia as ondas de se aproximarem umas das outras, ele se teria jogado sobre Ondina para abraçá-la, tão feliz ele estava!

— Minha querida Ondina, dancemos, dancemos! Como estou contente! Acabei de ganhar minha sétima milionésima gota de ouro! Olhe como ela é brilhante! Olhe? Ela desapareceu...! Que pena! Não faz mal; eis a próxima; sete milhões e um...! E, opa!...

O pobre! Ele não se dava conta da inutilidade de seu trabalho! Ondina conhecia sua mania e sabia que não havia nada que poderia convencê-lo. Assim, decidiu deixar passar e atacou o assunto:

— São belas gotas de ouro, é verdade; isto me lembra que ontem eu encontrei uma amiga que produz gotas de ouro bem mais brilhantes.

Os olhos de Conta-Gotas se iluminaram de cobiça; só podia ser Brilhantina!

Ele fez um ar falsamente indiferente:

— Como se chama ela, sua amiga?

Acabava de morder a isca:

— Brilhantina! Você conhece Brilhantina?

Conta-Gotas não podia conter sua emoção!

— Sim, suas gotas de ouro são muito belas; na verdade, eu a vejo de tempos em tempos. Você poderia me apresentá-la?

Ondina estava encantada; tudo se passou bem mais facilmente do que ela esperava:

— Mas certamente, se você quiser poderemos ir vê-la agora!

## **AMORES DE BRILHANTINA E CONTA-GOTAS**

Depois que Brilhantina soube que iria conhecer Conta-Gotas, seu estado de humor tornou-se muito instável; ela passava da alegria da esperança do sucesso do encontro à angústia diante da perspectiva de uma rejeição por parte de Conta-Gotas. Era aconselhado em situações como esta endereçar uma prece a Oceanondino, o filho de Oceânus que tinha sido turbilhonado pelos seus contemporâneos por ter declarado que Oceânus era seu pai. Poderia também rezar diretamente a Oceânus. Como seu orgulho era muito grande, ela decidiu se dirigir diretamente ao Pai. Por que um intermediário, se ela podia ter acesso diretamente à divindade? Começou no princípio pela fórmula que Orátus ensinava a todo mundo:

Oceânus nosso Pai de todos,  
Tu que criastes Ondão,  
Tu que nos enviou  
Teu filho Oceanondino  
Que se sacrificou  
Para nos fazer ver  
A Verdade,  
Tende piedade de mim...

e Brilhantina ajuntou, com todo o fervor de sua alma:

Tende piedade de mim,  
Pobre Brilhantina  
Que sou muito só!  
Dá-me Conta-Gotas  
Como companheiro para a vida!  
Que minha súplica seja atendida!

Ela não havia acabado de pronunciar a última palavra quando ouviu chamar seu nome. Milagre! Conta-Gotas tinha acabado de chegar com Ondina:

— Como vai, Brilhantina?

Ela começou a remexer-se como jamais havia feito em sua vida; era puramente instintivo diante daquele que ia ser o ondino de sua vida. E quanto mais se agitava, mais aspergia literalmente Conta-Gotas com gotas de ouro tão brilhantes, tão brilhantes, como jamais havia visto em sua existência; um verdadeiro fogo de artifício de gotas de ouro; ele apoderou-se de algumas; era irresistível! E discretamente as contou:

— Sete milhões e um, sete milhões e dois, sete milhões e três...

Estavam todos os dois ruborizados pela alegria deste encontro.

Ondina os apresentou um ao outro:

— Brilhantina... Conta-Gotas... Eu estou muito contente de que vocês se tenham conhecido porque vocês, todos os dois, são meus amigos!

— Bom dia... – disse Brilhantina com uma voz acariciante.

Conta-Gotas estava muito embaraçado e não sabia muito bem como se conduzir diante de tal situação; já era um rapaz bem maduro e havia passado seu tempo a contar gotas de ouro; se sentia confuso:

— Sete mi... ê!... Perdão!... Encantado em conhecê-la!

Foi tudo que lhe ocorreu dizer; em suma, uma fórmula de cortesia muito formal que havia ouvido em certas situações análogas.

Ondina sentiu o embaraço da situação e resolveu tomar a iniciativa da conversa. Poderia falar sobre as gotas de ouro, quem sabe?

- Acabei de assistir a uma reunião que absolutamente me assustou! Eu estou realmente muito preocupada. Sabem vocês o que o Professor Agadoisó descobriu? Que nós somos feitos de água e viemos da água, e nada mais.

Para Brilhantina isto era uma idéia em contradição com sua fé em Oceânus, que acabava, aliás, de ser provada de maneira indiscutível pelo resultado imediato de sua prece: mas isto ela não podia dizer. Conta-Gotas, ao contrário, era um partidário de Agadoisó; ele estava inteiramente de acordo e se exprimiu de uma maneira indiscutível:

- Se Agadoisó descobriu isto, isto é verdade!

Uma profunda angústia se apoderou de Brilhantina: um fosso ideológico os separava; já se via brigando na vida doméstica; e como se conhecia, bem sabia que, ela Brilhantina, nunca cederia em uma discussão. Ela se orgulhava muito disto. Seus sonhos se desfizeram na água mais ainda porque o “encantado em conhecê-la” havia percutido nela como um jato de ar glacial; ele não me ama, pensou ela.

Mas, mesmo aí, Oceânus veio em seu socorro; no momento em que acreditava que tudo estava perdido, Ondina acrescentou:

- Agadoisó chegou a esta conclusão graças ao exame das gotas de ouro; pois as gotas de ouro são de água e nada mais que água...
- Como? O quê? Minhas gotas de ouro... de água? Isto jamais!... “Você me entende?... Jamais!

Conta-Gotas tinha se tornado vermelho de cólera; esta foi tão grande que ele passou a um verde bilioso. Eu não sei se os ondinos têm bile, mas eu vos asseguro que ele ficou verde...!

Era esta a ocasião, ou jamais, para Brilhantina:

- Você tem toda a razão, ele deve ter cometido um erro; Orátus nos falou muitas vezes que a ciência não é infalível e que, às vezes, ela muda de ponto de vista!

De repente, Orátus e os Oceanusistas se lhe tornaram simpáticos: e quem sabe, talvez Oceânus exista! Ele se tomou de um enlevo ainda maior por Brilhantina: ela o apoiara em seu desespero; era, na verdade, a companheira ideal; lhe deu um

largo sorriso, aproximou-se dela, e lhe disse muito, muito docemente, quase no ouvido:

- Suas gotas de ouro são as mais belas que jamais vi em toda minha vida; você tem razão, é um sacrilégio reduzir as gotas de ouro a água!

Brilhantina estava extasiada; recomeçou a agitar-se e a emitir gotas de ouro ainda mais brilhantes. Isto deu coragem a Conta-Gotas:

- Ah! Mas isto não vai ficar assim! Agadoisó não é o único pesquisador. Acusam-no, aliás, de ser um fanático; eu vou perguntar a opinião do Professor Ondólogo que também sabe muito sobre a origem do nosso mundo de ondas; vocês me acompanham?

O convite era para as duas, mas, na realidade, ele não olhava senão para Brilhantina. Ondina, muito contente, compreendendo que sua missão estava coroada de êxito, retirou-se sob o pretexto de ter outra coisa para fazer. Brilhantina não esperou dizer duas vezes; acompanhou Conta-Gotas; dançando, ele contava as gotas de ouro de Brilhantina, tremendo de felicidade.

O Professor Ondólogo acabava de ler na “Gazeta Ondina” a reportagem de Pena de Ganso; ele tinha um semblante tenso e preocupado:

- Ah! É você, Conta-Gotas! Que prazer em vê-lo tão bem acompanhado; como suas gotas de ouro são deslumbrantes, senhorita...?

— Brilhantina!

- Ah! Senhorita Brilhantina, encantado em conhecê-la! Que bons ventos os trazem?

Conta-Gotas e Ondólogo eram amigos de infância e tinham sido alunos de Dixite na mesma época. Esta intimidade permitiu a Conta-Gotas entrar ao vivo no assunto.

- Eu estou verdadeiramente alarmado com as declarações de Agadoisó! O que você pensa?
- Eu acabei de ler a “Gazeta”; à primeira vista isto não me parece irracional, sua teoria...

- E as gotas de ouro, você crê que elas são somente de água? Eu acho isto inadmissível; olhe as gotas de ouro de Brilhantina (ele já a chamava pelo seu prenome, o que a enchia de alegria), todas douradas e brilhantes; isto não é possível!

Ondólogos compreendeu depressa o problema e sua importância para Conta-Gotas:

- Eu pensei logo em você e nas numerosas doenças que as gotas de ouro curam, é o que lhes dá justamente o valor que você tanto aprecia. Já há algum tempo, eu fiz uma pesquisa demonstrando que é necessário distinguir as gotas de ouro de outras gotas, que eu batizei de gotas de sombra por causa da diferença de cor; é um erro chamar todas as gotas de “gotas de ouro”, isto é muito ondino. Como as outras gotas não têm valor, não lhe foi dado nome; os ondinos não deram nome senão às que tinham valor para eles; isto fez com que o nome de gotas de ouro fosse estendido às gotas sombrias e sem brilho; tenho a impressão de que o que distingue as duas e dá um valor curativo e terapêutico, mais do que a beleza, é a influência da energia solar, da qual Agadoisó não fala, pois ele é um fanático de sua teoria do H<sub>2</sub>O, o que o impede de ver as coisas com a serenidade necessária à pesquisa científica!

Conta-Gotas estava encantado; ele sugeriu logo uma reunião com os médicos e especialistas em linguagem para saber o valor das gotas de ouro sobre o mercado ondino; porque se os ondinos se persuadissem de que as gotas de ouro não são senão de água, ele se imaginava arruinado e teria perdido seu tempo. em vãs contabilidades.

Era absolutamente necessário distinguir as gotas de sombra como água pura, das gotas solares.

Brilhantina contribuiu, oferecendo-se para organizar uma recepção aos membros da reunião; seriam servidos coquetéis de gotas de ouro e a imprensa seria convidada e mais particularmente Pena de Ganso.

O Professor Ondólogos, encantado em poder enfim fazer conhecida sua teoria das gotas de sombra, aceitou a idéia com entusiasmo, e deu alguns nomes a serem convidados; como o assunto era de importância, ele exigiu que se

organizasse um verdadeiro simpósio. Eles se deixaram com estas resoluções. Brilhantina e Conta-Gotas partiram, dançando alegremente, indo fazer todos os convites necessários; eles se olhavam de tempo em tempo, com uma mistura de ternura e avidez. Brilhantina, de vez em quando, controlava os limites permitidos de Conta-Gotas; este, com um certo tempo irá sentir a diferença desta atração amorosa e sua atração pelas gotas de ouro de Brilhantina; ele não parava, aliás, de contá-las e de armazená-las, sem jamais poder retê-las! E quanto mais ele contava, mais lisonjeava o orgulho de Brilhantina.

## **A LOUCURA DE LUNÁTICO E ONDA LOUCA**

Durante este tempo, Ondina flanava, toda contente de ter feito o bem a dois outros ondinos. Súbito, viu ao longe um casal que dançava de maneira completamente diferente; em vez de manter o tamanho normal, eles cresciam e diminuíaam a intervalos regulares; e se divertiam loucamente com este jogo julgado um pouco perigoso pelos ondinos normais, porque isto beirava o enmarmento. Alguém já lhe falara sobre este casal de loucos, Lunático e Onda Louca, mas nunca os havia visto pessoalmente; como não tinha nada afazer, achou que era uma boa ocasião de saber o que era a loucura.

Lunático era considerado louco por todos os ondinos que o conheciam por causa das coisas malucas que ele dizia a todo mundo logo na primeira abordagem; com Ondina foi a mesma coisa.

— Então, criança! Olhe aqui, o que você pensa que você é?

Você não é senão uma onda! Você sabe quem sou eu? Eu sou Oceânus! Ajoelhe diante de mim, oh! ondazinha sem expressão!

Eu sou o Grande Oceânus, e nenhum outro! Ondinos e Ondinas, eu venho para vos dizer a verdade, a verdade verdadeira, bando de cegos de nascença! Eu me lixo pelas vossas gotas de ouro; elas não valem nada...

Foi sobretudo esta última afirmação sobre as gotas de ouro que deu aos ondinos a certeza de que ele era louco; o fato mesmo de se afirmar Oceânus é preciso reconhecer que não é normal! Ondina estava um pouco assustada com esta abordagem brutal ou, pelo menos, muito pouco à vontade; realmente, se tomar por

Oceânus!!! E, no entanto, isto lhe lembrava alguma coisa, mas ela não sabia bem o quê... Ah! Sim! a história do Ondino que foi turbilhonado por haver pretendido a mesma coisa: bem estranho tudo isto! Nos dias de lua cheia, Lunático tornava-se mais agitado e se prendia a todos aqueles que tentavam, como Conta-Gotas, economizar as gotas de ouro; era sua mania principal. E por causa desta influência da lua que o chamavam de Lunático. Ele se entendia muito bem com Onda Louca, porque toda vez que ele afirmava ser Oceânus, Onda Louca tomava um ar estranho, sorria com os olhos perturbados; é, aliás, assim que Ondina a encontra:

— Oh! Oh! Oh! Ah! – gritava ela em um tom de admiração; era tudo o que ela dizia.

Ondina curiosa perguntou-lhe o que ela via, mas em vão; justamente quando ouviu um ligeiro murmúrio:

— Azul, Azul, Azul, Luz, Ah, Ah, Ah...

Ondina observou que é sobretudo quando eles diminuíaam que diziam estas coisas estranhas; que relação haveria entre tornar-se menor e se afirmar Oceânus ou ver a luz azul? Não se entendia nada; e, no entanto, eles diziam alguma coisa de semelhante à afirmação de Agadoisó, que as gotas de ouro e as ondas não eram senão água, e de Oceanondino, que se dizia também Oceânus e dizia que todos os Ondinos eram Oceânus, que eles tinham Oceânus neles? Se cada um é diferente, separado, seria necessário que houvesse milhões de Oceânus; tudo isto não tinha sentido.

Foi bem mais tarde que começou a compreender...

Ela se afastou dos dois loucos amorosos; de longe escutou ainda:

— Eh! criança, você não é senão uma onda, é Oceânus quem lhe diz!

Muito tempo ainda estas palavras retiniram em eco em seu espírito:

— Você não é senão uma onda, você não é senão uma onda...

E algumas vezes se lembrava daquele rosto com os olhos perturbados, mas que transpirava uma estranha felicidade. Começou mesmo a se perguntar se estes Ondinos que batalhavam, entre si para saber se é em Oceânus ou H<sub>2</sub>O onde se encontra a origem dos Ondinos, não seriam também tão loucos, ou mesmo mais do que este casal, que afinal de contas, não fazia mal a ninguém.

Foi pensando nisto tudo que ela continuou seu caminho se perguntando o que seria um Ondino normal. Seria, por exemplo, este casal que passa dançando com suas duas crianças? Eles tagarelam entre eles e de tempo em tempo as crianças lhe fazem perguntas; se olham com ternura e riem por nada. Ser feliz é isto? Seguramente não é acumular gotas de ouro! Disto ela se persuadiu rapidamente, no contato com Conta-Gotas. Quanto mais ele tinha, mais queria; a maior parte dos Ondinos é assim; jamais estão satisfeitos!

Ela gostaria bem de viver esta vida de família, ter crianças, criá-las, mostrar-lhes o mundo dos ondinos, levá-las aos cursos de Dixite, brincar e se divertir com elas, tal como este casal. Todos estes sonhos giravam em torno de uma imagem que lhe retornava de tempos em tempos: a de Semáforo, um dos agentes que regulava a circulação das ondas; sua função principal era, nos cruzamentos onde havia muitos ondinos a dançar, evitar que eles morressem por fusão.

## **ONDINA SE APAIXONA POR SEMÁFORO**

Semáforo era um belo ondino, muito simpático e muito brilhante; cada vez que Ondina o via, não podia impedir-se de tremer inteirinha e de requebrar da cabeça ao tronco (você se lembra que as ondas não têm nem pernas nem pés, por isso o requebrar pára embaixo do tronco...). Ele, aliás, já havia notado; a prova é que outro dia isto quase ocasionou um acidente: no momento em que se voltou para ver Ondina passar, dois ondinos que se cruzavam em sentido contrário quase se fundiram. Foi Ondina quem salvou a situação, gritando:

— Atenção!

Esta foi a ocasião de entabular uma rápida conversa. Semáforo disse-lhe que gostaria de vê-la após seu trabalho para agradecer-lhe. Ela perguntou-lhe a hora do fim do expediente e prometeu passar um destes dias.

— Então? Por que não hoje?

Estava quase na hora.

— Vamos lá!

Foi com o coração batendo que ela chegou ao cruzamento justamente na hora em que o outro agente de sinalização o havia substituído; ele não escondeu seu prazer de vê-la e lhe propôs imediatamente ir passear à beira-mar para ver o pôr-do-sol; isto era muito romântico e era o passeio preferido dos namorados; é verdade que havia sempre o perigo de enterro; mas os ondinos de bom senso não se deixavam levar muito perto da costa.

Era necessário também evitar deixar-se roçar muito perto para evitar a fusão. O sorriso de Semáforo era tão atraente e irresistível que era impossível a Ondina recusar; ao vê-la ele se tornara mais brilhante que de hábito, seu torso se enfunou; de seu lado o encantador requebrar de Ondina aumentou à medida que se insinuavam sobre o caminho à beira-mar. Sentiram bem depressa uma harmonia irresistível invadi-los inteiramente e inspirar-lhes a dança que se transformou quase num vôo de alegria mútua. Eles não precisavam de nenhuma das grandes declarações de amor; sua dança exprimia melhor a sintonia na qual viviam sua alegria, do que muitos grandes discursos!

De tempos em tempos se roçavam, tomando cuidado para não se aproximar demais; é verdade que, como se amavam, não havia mais o perigo de fusão; Dixite os havia ensinado em suas lições de boa conduta que quando um Ondino e uma Ondina se amam, não há mais risco de fusão. Se querem ter um filho, é suficiente que se abracem muito forte; uma pequena parte delas mesmas, ao nível de suas costas, se funde, formando imediatamente um pequeno ondino. Era bem isto que Ondina queria; mas seria bem isto o amor? Poderia ela contar com Semáforo como pai? Era, na verdade, ainda muito cedo para empenhar nisto a fundo, se bem que ela tinha desejo de ter uma terna união. Os mesmos sentimentos enchiam Semáforo. Cheios de sabedoria eles permaneceram pelo momento em uma comunicação muito profunda pela dança; uma coisa já estava bem evidente; queriam a alegria do outro; quanto mais o outro estivesse feliz, mais eles se sentiam também felizes; isto é um verdadeiro sinal de amor: querer o bem do outro. Era seguramente bem diferente da relação de Conta-Gotas e de Brillantina, que se entendiam bem até o presente, é verdade; mas é uma relação baseada no egoísmo e no orgulho.

Dançaram longo tempo, até que o brilho solar de seus corpos foi substituído pela brancura lunar, cujo frio aparente foi aquecido pela grandeza de seu amor.

Quando se separaram, já bem tarde, Ondina se perguntou se ela havia sonhado; aconteceu tão depressa! É verdade que entre os Ondinos o tempo é diferente; vai bem mais rápido do que entre os humanos; tudo isto depende do Bale do Grande Arrepio de Alegria, do qual Ondina, nem os Ondinos em geral, não têm nenhum conhecimento, se bem que eles o dançam todo o tempo sem o saber...

Eles se encontraram todas as tardes seguintes; ela o ia buscar em seu trabalho de sinalização e eles iam dançar ao cair do sol e ao nascer da lua. Pouco a pouco ela descobriu que ele era também belo por dentro, o que era muito importante para Ondina, porque para ela a beleza física exterior não era suficiente; ele era muito sentimental e ela também. No mais, ele apresentava as mesmas perguntas que Ondina no assunto da origem dos Ondinos. Um dia ele lhe afirmou:

- Você sabe. Ondina, nunca houve a criação dos Ondinos; nós pensamos que nós somos Ondinos; no entanto, nós somos muito mais do que isso.

Disse isto com uma tal segurança e convicção que Ondina se perguntou onde ele havia aprendido isto.

Ela lhe perguntou certa tarde à queima-roupa:

- Você acredita em Oceânus?
- Sim e não, isto depende do que você entende por Oceânus; se é a estátua ou imagem de uma grande onda como os Oceanusistas a representam, eu posso assegurar-lhe que são infantilidades; neste caso Oceânus não é senão uma palavra que foi dada para explicar nossa origem ondina e nada mais...

E Semáforo entrou num silêncio de profundas reflexões. Uma tarde em que ela queria ir encontrá-lo como de costume, ele lhe anunciou que ia fazer uma visita a um amigo:

- Veja você, Ondina, é mais que um amigo; é um grande mestre; habita em um gruta, perto de um penhasco que se encontra ao largo da costa.
- Posso saber como ele se chama?

A pergunta foi feita num tom tímido e respeitoso; ela sentia que havia aí alguma coisa de importante e diferente:

- Eu acho que sim; mas prefiro pedir-lhe autorização, porque ele não quer ser conhecido senão por aqueles que estão à altura de compreendê-lo; eu estou seguro de que você é uma destas pessoas...

Ondina estava cada vez mais intrigada; este lado de mistério a atraía enormemente, sem contar a perspectiva de encontrar uma resposta diferente e, quem sabe, mais sólida à questão da origem dos ondinos.

Durante este tempo, muitas coisas aconteceram no que concerne a Conta-Gotas e Brilhantina. Os esforços que fizeram para preparar a reunião do Professor Ondólogo com os diferentes especialistas ainda os aproximou mais; o coquetel de gotas de ouro preparado cuidadosamente por Brilhantina foi muito apreciado por todos os convidados. As conclusões da conferência foram favoráveis a uma distinção entre as gotas de ouro e as gotas de sombra. Em uma reunião posterior, a Academia Ondina de Letras decidiu introduzir a palavra “Gotas de Sombra” como novo termo do vocabulário ondino. O Professor Ondólogo recebeu um prêmio especial da Academia Ondina de Ciências, o mesmo título, aliás, que o Professor Agadoisó; era bem necessário reconhecer o mérito dos dois. Todas estas decisões, completamente inofensivas em aparência, serviram pouco a pouco para colocar fogo no conflito entre os Agadoisoístas e os Oceanusistas.

## **ONDINA NA GRUTA DE MANITU**

Uma gruta enorme, moldada, talhada pelo vento e pela erosão, ergue-se como um fantasma sobre os ondinos que dançam o Grande Balé; para alguns dentre eles é a última dança; eles vão quebrar-se contra estas rochas cinzentas; é a razão pela qual a maior parte dos ondinos não gosta de passar deste lado da costa; os que vão aí são os aventureiros, colegas e amigos de Risco Júnior, ou também ondinos distraídos ou sem experiência e conhecimento dos perigos da costa. E há também raros visitantes da Gruta de Manitu.

Esta gruta foi escolhida justamente porque se encontra num sítio de difícil acesso e de tal maneira escondida que mesmo os aventureiros não a viram jamais;

só os íntimos de Manitu sabem como chegar lá. E é na verdade um “como” que Grande Orelha explica logo na primeira visita, fora da gruta e dos limites da caverna; não somente é necessário saber evitar a morte passando pelo bom local que leva à entrada de uma espécie de canal interno, mas também ainda é preciso adaptar-se à diminuição do vento; à sua entrada, há uma diminuição do corpo do ondino; então, é necessário aproveitar de certa corrente de ar que evita o risco do enmarmento, mantendo uma altura suficiente; há nisto tudo uma arte ensinada por Manitu e que toma grande importância para o prosseguimento de nossa história.

Hoje, Grande Orelha se encontra nestas paragens porque espera um novo visitante; você adivinhou: Ondina. Grande Orelha é o discípulo mais velho de Manitu.

Alguns dias atrás, Semáforo recebeu Ondina com um ar radiante; ele havia mesmo deixado o serviço antes da hora regulamentar, tanto estava ele apressado para anunciar a boa nova!

— Bem que te falei! Manitu quer receber você!

E ele aumentou o ritmo da dança, de tal maneira estava contente.

Ondina conseguiu depois de um bom tempo seguir seu ritmo; não obstante, ela não podia apreciar a novidade em seu justo valor como Semáforo, porque até o presente ela não sabia muito bem quem era Manitu; assim, tomou uma certa distância de seu Ondino bem amado para fazer-lhe a grande pergunta:

— Mas, enfim, quem é Manitu?

Era difícil de explicar a Ondina que Manitu ainda sabia que era o Grande Oceano e vivia como tal...

Tomado desprevenido, Semáforo respondeu muito embaraçado:

— Manitu? Manitu? Bem... Como eu lhe disse é meu mestre.

— Mestre de quê? – perguntou Ondina cada vez mais intrigada.

— Conto explicar-lhe?... Ele me ensina a viver feliz, a evitar o sofrimento para os outros e para mim mesmo. Com ele eu aprendi quem eu sou realmente; o que é um ondino? Manitu é um verdadeiro sábio; ele sabe tudo, não por crença mas por experiência pessoal; ele me transmite pouco a pouco sua experiência...

- Qual experiência? – perguntou Ondina.
- Ele nos manda fazer uma série de exercícios que precede a Grande Experiência; ele chama esta, o Grande Retorno, no curso dos exercícios preliminares nos dá lições e explicações sobre um tanto de problemas, entre outros alguns sobre os quais nós, às vezes, falamos.

Semáforo explicou ainda muito mais coisas sobre Manitu; foi assim que ela aprendeu que Manitu era muito, muito velho, tão velho que nem sabia mais sua idade; em um certo sentido ele não teria mesmo jamais tido um começo; mas isto era demais para compreender. De outra parte, tinha poderes extraordinários; por exemplo, quando Semáforo ia falar-lhe de Ondina, Manitu se antecipou e disse a Semáforo que ele a podia trazer:

- Esta pequena Ondina que lhe é tão querida...

Como Manitu podia saber isto? Ninguém senão Semáforo e Ondina estavam a par e nenhum destes dois havia feito contato com ele; era verdadeiramente surpreendente e embaraçoso. Um dia, na presença de Semáforo e de Grande Orelha, ele se retirou por um canto sem vento da gruta, enmarmou, quer dizer, desapareceu como se estivesse morto e reapareceu num outro local completamente iluminado; a luz era tão forte que os dois assistentes foram obrigados a desviar os olhos para não serem ofuscados.

Ondina não pôde reter uma exclamação de surpresa:

- Mas como isto é possível?
- Você compreenderá pouco a pouco; estamos de tal maneira embrutecidos pela nossa maneira ondina de ver as coisas e a vida, que nem sabemos mais quem ou o que somos realmente...
- Mas vejamos então – replicou Ondina – nós somos ondinos! Você não vai me dizer que não?
- Sim... e... não! Você vê, Ondina, é por causa disto que há os exercícios e sem o Grande Retorno não se pode compreender inteiramente. É por causa disto que eu proponho a você ir lá; Grande Orelha nos espera perto da entrada da Gruta...

Ondina não esperou dizer duas vezes; eles aproveitaram uma corrente de ar favorável para ir mais depressa; no caminho Semáforo explicou a Ondina que hoje aprenderá a entrar na gruta e a se manter lá; não é senão depois de estar perfeitamente treinada que ela poderá fazer contato com Manitu.

Grande Orelha não teve de esperar muito tempo; mesmo se os dois namorados tivessem levado muito tempo para chegar, isto não teria nenhuma importância para ele, porque é um modelo de paciência, de perseverança, de resistência; todas estas qualidades ele herdou de Manitu, ou, para ser mais preciso, desenvolveu sob a influência dos exercícios e das lições deste Mestre excepcional. Quando o conheceu, ele era bem diferente: nervoso, irascível, um nada o punha com raiva; ele não tinha nenhuma constância; tudo que começava, abandonava no meio da tarefa. Como mudou!

Enquanto atendia aos visitantes, ele se divertia a observar os aventureiros; de repente um ondino sem experiência se sente atraído pelas correntes da costa:

— Socorro! Socorro!...

Grande Orelha era mestre na arte de utilizar a força das correntes para conduzi-las onde ele queria; essa arte é indispensável a todos aqueles que querem praticar os exercícios de Manitu em vista da experiência do Grande Retorno; tinha desenvolvido também uma grande compaixão, isto quer dizer que ele não era somente muito sensível ao sofrimento dos outros, mais tinha desejo real de ajudar quem tem necessidade. Ele não pode portanto se reter de ir em socorro do infeliz; os aventureiros que assistiam impotentes à cena ficaram de boca aberta; em alguns segundos, Grande Orelha provocou, não se sabe como, uma corrente contrária que cortou a força de atração daquela que ameaçava o pobre ondino.

Foi neste momento que chegaram Semáforo e Ondina:

— O que se passa aqui? – perguntou Semáforo.

— Oh! Felizmente acabou bem, estas coisas acontecem algumas vezes por aqui.

O que ele não disse, por modéstia, é que jamais perdeu um só salvamento; fazia muitos deles por dia; uma força misteriosa protegia todos aqueles que haviam entrado no caminho do Grande Retorno.

- Seja bem-vinda aqui, Ondina; Semáforo me falou muito de você; ele deve ter-lhe dito o que nós vamos fazer hoje?

Ondina, um pouco ansiosa e impressionada por esta forte presença, fez sim com a cabeça, observando a força de caráter aliada a uma alegria de viver constante que emanava de Grande Orelha. Isto também ele tinha de Manitu; não foi à toa que recebeu dele este nome: Grande Orelha é verdadeiramente aquele que mais espichou a orelha para aprender tudo aquilo que Manitu tinha para ensinar; e ele assimilou tudo de verdade, tudo experimentou; diz-se mesmo dele que, à semelhança de seu Mestre, é capaz de efetuar o Grande Retorno cada vez que for necessário; é o mínimo o que Semáforo explicou a Ondina antes de chegar.

- Pois bem, vamos; eu vou mostrar-lhe o que é preciso fazer; e de princípio porque você vai fazer esta aprendizagem preliminar: primeiramente, você vai aprender a evitar o enterro; segundo, você vai saber como vai deslizar pelo corredor do penhasco que nos leva à gruta; uma vez na gruta, eu lhe ensinarei como manter sua altura mínima para subsistir como ondino.

Às vezes há ondinos que, uma vez que aprendem a evitar o enterro, param neste estágio, sem mesmo conhecer a gruta, nem mesmo a existência de Manitu; você é uma privilegiada; Manitu sabe quem é você; você, seguramente, nunca vai transformar-se em aventureira como tem sido o caso desses ondinos dos quais eu lhe falei agora. Aliás, não há tempo a perder; o futuro da Ondinidade é muito sombrio; Manitu e Astrólogus prevêem catástrofes, tempestades e guerra. Não é, Astrólogus?

Um ondino muito pálido, velho e magro, acabava de sair da gruta; não podia ser senão Astrólogus, porque dançava olhando todo o tempo para o céu; mesmo quando lhe falavam, ele respondia com a cabeça e o olhar dirigidos para o alto; é um verdadeiro milagre que ele não apanhe um torcicolo; é bem verdade que em volta de Manitu os milagres não são raros... Uma voz cavernosa (é normal para quem vem de uma gruta ter voz cavernosa) se eleva no espaço num tom solene e que não admite réplica:

- Siiim...!!! Um futuro terrível nos está reservado; nos próximos tempos, seis planetas estarão em conjunção; é o que se passa sempre antes da tempestade; o fim do Balé está próximo...

Ondina não compreendeu muita coisa disto, se bem que uma sensação de apreensão apoderou-se dela: Conjunção? Tempestade? Balé? Ela não sabia o que estas palavras queriam dizer. Astrólogo afastou-se num ritmo de dança respeitável, como convém a um astrólogo; a cabeça levantada, ele continuou a esquadrihar o firmamento, à cata de sinais reveladores e significativos provenientes da abóbada celeste. Logo que Astrólogo se afastou, começou a iniciação de Ondina. O que ela mais apreciou foi a serenidade e a paz interior que Grande Orelha lhe comunicava, ao mesmo tempo que lhe ensina a controlar as correntes marinhas que tendiam irresistivelmente a atrair os ondinos em direção às rochas do penhasco ou em direção à costa. Pouco a pouco, e após muitos exercícios posteriores, ela aprendeu a conduzir-se até a entrada do corredor desta espécie de canal subterrâneo que atravessava o penhasco até a gruta propriamente dita.

- É graças a uma corrente de ar permanente que as ondas podem, após este treinamento, penetrar no canal até a entrada da gruta, sem perder seu tamanho. Eu relembro isto aqui a vocês, porque é muito importante que o tamanho das ondas, repetindo um pouco, é mantido mais ou menos constante, graças ao vento.

Foi a primeira revelação que Grande Orelha fez a Ondina, o que lhe trouxe o efeito de uma surpresa; nenhum ondino, com efeito, estava a par disto; até mesmo Agadoisó o ignorava; é necessário reconhecer que o Professor Ondólogo tinha emitido esta idéia a título de hipótese; infelizmente era uma idéia muito avançada e ninguém a compreendia. Foi, portanto, por uma prática constante que Ondina aprendeu a se submeter ao vento do corredor e a dirigir-se à gruta.

Quanto mais ela se aproximava da entrada, mais uma luz dourada a iluminava e a banhava de um imenso sentimento de grandeza e de beleza; não sabia muito bem de onde provinha; estava segura que isto tinha relação com Manitu. Sua intuição não a enganava; isto lhe dava uma estranha certeza de já ter vivido neste ambiente e de já ter sido impregnada por esta luz; não, não era a luz do sol;

era mais bonita e bem mais significativa. Lá a luz do sol dá calor; esta luz irradiava Paz.

# **A TEMPESTADE**

## **AS GOTAS DE OURO AUMENTAM A TENSÃO INTERONDINA**

À medida que Ondina aproximava-se desta enseada de paz e durante o tempo de seu longo treinamento para evitar o enterro e o enmarmento, a situação interondina piorou consideravelmente.

Como se deve lembrar, Conta-Gotas e Brilhantina tinham tido êxito em fazer reconhecer pelas duas Academias Ondinas, a de Ciências e a de Letras, a distinção entre gotas de sombra e gotas de ouro. O resultado imediato foi uma alta das gotas de ouro na bolsa de valores; noutros termos, os ondinos começaram a dar muito mais valor às gotas de ouro que cada um produzia espontaneamente e, como resultado, todo mundo se deixou contaminar pela mania de Conta-Gotas, isto é, querer estocar as gotas de ouro.

O sucesso de Conta-Gotas subiu-lhe à cabeça e uma megalomania louca apossou-se dele; resolveu fazer uma viagem até às regiões geladas com Brilhantina, mas não queria mais se limitar a fazer produzir lá gotas sólidas, isto é, congeladas, para seu próprio estoque; ele queria vender gotas de ouro sólidas aos exportadores nas zonas mais quentes; ele ia criar uma nova ilusão; porque não via de modo algum que elas iam derreter no caminho!...

Sua viagem correu mais ou menos bem; eu disse mais ou menos, porque todos os dois ficaram quase solidificados em pequenos icebergs! Brilhantina chegou, ao preço de uma forte gripe, a produzir gotas de ouro sólidas, para grande encantamento de Conta-Gotas. Na sua volta, Pena de Ganso fez uma reportagem sobre sua viagem e, em pouco tempo, todos os ondinos dos países quentes sonhavam em possuir gotas de ouro sólidas; ninguém as havia visto, é lógico! Mas a imaginação aliada à ambição, à possessividade e ao orgulho de possuir gotas de ouro sólidas, provocou um movimento coletivo dos ondinos do Sul quente, ciumentos dos ondinos do Norte frio.

De seu lado, os ondinos do Norte tornaram-se invejosos das gotas de ouro produzidas pelos ondinos do Sul; como no Sul há mais sol, eles se queixavam de terem menos gotas de ouro e mais gotas de sombra do que no Sul.

E nas duas regiões, o número de ladrões aumentou consideravelmente; não se estava tranqüilo em nenhuma parte; não importa a qual hora, um bandido podia assaltá-lo para extrair as suas gotas de ouro; não se podia nem mesmo defender-se porque se arriscava à fusão!

Nada mais instrutivo do que percorrer alguns números de “Gazeta Ondina”.

Eu vou transcrever-lhes extratos das partes mais ilustrativas.

## **A PEREGRINAÇÃO DE BRILHANTINA**

Eis aqui, para começar, uma entrevista que Pena de Ganso fez das impressões de viagem de Brilhantina no Norte gelado:

“– E que foi que mais lhe marcou na viagem?”

— Oh! sem nenhuma dúvida minha peregrinação à estátua de Oceanondino; imagine milhares de oceanusistas, em fervorosas preces, prosternando-se em massa e cantando cânticos.

— E o que eles pedem em suas preces?

— Ora, toda sorte de coisas, como, por exemplo, ser curado de uma, doença, aumentar sua fortuna de gotas de ouro, encontrar trabalho, ou mesmo livrar-se de um rival.

— E sem indiscrição, você pediu alguma coisa?

— Sim, eu tinha uma gripe forte; eu pedi que me curassem o mais rápido possível. Puxa! um verdadeiro milagre; um dia depois eu já não tinha mais nada!

— E muitos outros milagres aconteceram como este?

— Não, não com todo mundo; Orátus nos ensinou que isto depende da fé e do fervor que se coloca nas preces.”

Esta entrevista teve uma enorme repercussão; caravanas de ondinos do Sul organizaram-se para fazer uma peregrinação à estátua de Oceanondino, no extremo

Norte; para alguns membros desta caravana havia também a esperança de trazer gotas de ouro sólidas. Organizaram mesmo caravanas somente com este objetivo.

E eis aqui, sempre por Pena de Ganso, uma análise muito fina da situação da política interondina:

*“Deterioração das Relações Norte-Sul: A Guerra E Inevitável?”*

*Crônica interondina de Pena de Ganso, exclusividade da “Gazeta Ondina”.*

Como os leitores da Gazeta devem ter constatado nestes últimos tempos, a situação interondina se agrava constantemente. Um dos fatores de tensão é de ordem ecológica; as recentes descobertas do Professor Ondólogo sobre a existência diferenciada das gotas de sombra e das gotas de ouro pôs em evidência um fato que tinha passado despercebido até o presente; por falta de solos ondinos do Norte são em inferioridade evidente. Um exército de norte-ondinos está em vias de ser mobilizado para invadir o Sul, sob a direção do General Borrasca.

Os sul-ondinos, sob a direção do General Furacão, organizaram um exército para proteger as expedições dos sul-ondinos à procura das gotas de ouro sólidas; como se sabe, os sul-ondinos estimam que os norte-ondinos têm uma superioridade esmagadora e injusta graças à sua possibilidade de produzir, a um custo relativamente baixo, gotas de ouro sólidas. Em uma declaração bem recente, o General Borrasca exteriorizou sua firme determinação de não deixar passar estas expedições sul-ondinas.

Do ponto de vista econômico, as coisas também pioraram: no mercado de valores, a cotação das gotas de ouro triplicou, enquanto que as gotas de sombra, sob a influência das declarações do Professor Agadoisó, não têm mais nenhum valor; isto constitui a ruína de numerosos norte-ondinos que tinham recolhido e contado milhões destas; eles começaram a colecionar gotas de ouro geladas, se bem que sua natureza seja ainda desconhecida; não se sabe se as análises em curso chegarão a tempo; se demonstrarem que se trata apenas de água, uma grande parte do conflito será apaziguada; mas nisto também as opiniões do Professor Agadoisó são absolutamente opostas às do Professor Ondólogo.

Como se sabe, uma guerra só é viável se houver também um aspecto ideológico. Ora, as últimas notícias não são nem um pouco reconfortantes: uma

caravana de peregrinos sul-ondinos oceanusistas, indo visitar a estátua de Oceanondino, teve de retornar a seu ponto de partida, tendo sido interceptada por um' batalhão do General Borrasca que a havia tomado por uma expedição de coleta de gotas de ouro sólidas. Este acontecimento lamentável pode pôr lenha na fogueira.

Pode-se mesmo esperar uma complicação de guerra civil, porque entre os norte-ondinos há uma quantidade considerável de Oceanusistas que serão obrigados um dia ou outro a tomar partido em favor do direito de passagem dos correligionários sul-ondinos. Assim, o jogo simultâneo de fatores ecológicos, econômicos e ideológicos constitui uma constelação perigosa para a paz interondina.

Não se sabe ainda qual será a posição dos agadoisoístas diante destes recentes acontecimentos.”

Os ondinos são muito sensíveis à poesia; é por isso que a “Gazeta Ondina” publica sempre cada mês um poema de Musinha. Musinha, uma amiga de Ondina, é considerada como a melhor poetisa viva. Ela tem duas crianças pequenas das quais se ocupa com ternura, enquanto escreve suas poesias. Eis aqui seu último poema:

### **O PREÇO DA ILUSÃO**

Pobre Ondinidade  
Tu que tudo possuis  
Para dentro da paz de seu ser  
Viver o Amor e a Alegria,  
As miseráveis gotas de ouro  
Tu estás atada.  
Em nome deste nada  
Tu arriskas perder  
Teu mais precioso bem:  
Tua vida.

E eis aqui uma notícia muito pouco reconfortante:

## *“Armas Secretas”*

A “Gazeta Ondina” acaba de receber, de fontes dignas de confiança, informações que dizem respeito à elaboração de armas e de técnicas terrivelmente mortíferas.

Um especialista muito conhecido em composição de água teria vendido ao exército norte-ondino um processo de produção de turbilhonamento artificial. Motivado por esta informação, o General Furacão pediu imediatamente, a um de nossos mais eminentes especialistas em ondologia, para inventar uma arma ou procedimento que neutralizasse o efeito desses turbilhonamentos gigantescos. Este professor já teria feito trabalhos experimentais neste sentido; sua arma seria ainda mais terrível; trata-se de uma técnica de canalização artificial do vento, cuja potência será aumentada milhares de vezes; não somente a técnica neutraliza os turbilhões artificiais, mas ela pulverizará literalmente o exército inimigo de um só golpe; um nome foi dado a este processo em homenagem ao General-em-chefe das forças armadas do Sul: “Operação Furacão”, enquanto que a técnica do exército do Norte teria sido batizada de “Método Borrasca”, em homenagem ao General do mesmo nome. Isto é um indício do fato de que os professores não querem ser identificados, porque se, trata, na verdade, de um atentado à vida ondina!”

A “Gazeta Ondina” parece, com efeito, estar muito bem informada; e seus leitores reconheceram, sem dúvida, os professores Agadoisó e Ondólogos como autores das armas secretas.

Com efeito, desde que foi informado do incidente da peregrinação dos oceanusistas frustrados pelo batalhão norte-ondino, Agadoisó viu nisto uma excelente ocasião de destruir esta ideologia supersticiosa Oceanusista e dar a vitória ao Agadoisoísmo.

Orátus foi imediatamente informado disto por um aluno de Agadoisó, adepto Oceanusista, e resolveu comunicar esta notícia ao General Furacão, pessoalmente; este aliás já o sabia, graças a seu serviço secreto.

Orátus e o General Furacão foram então fazer uma visita ao Professor Ondólogos, em grande sigilo; como adversário frustrado pelo sucesso profissional de Agadoisó, Ondólogos não se fez rogar, e comunicou imediatamente seu plano ao General Furacão.

Um ambiente de apreensão impregna agora a maior parte dos ondinos, quer sejam eles do Sul ou do Norte, Oceanusistas ou Agadoisoístas. Sente-se que o conflito é inevitável; não se sabe quando começará, nem quem tomará a iniciativa: mas já se está seguro de um resultado catastrófico.

Ondina sente que um destino feliz a levava para o caminho de Manitu, por intermédio de Semáforo; tudo aquilo que Astrólogo havia previsto começa a realizar-se; Grande Orelha tinha razão quando afirmou que Ondina não veio por acaso; contente com a esperança de escapar da destruição, ela está muito triste diante da perspectiva de uma luta fratricida.

## **MANITU COMEÇA A REVELAR O GRANDE MISTÉRIO**

Não há muito tempo a perder. Ondina sente agora que é o momento de entrar em relação direta com Manitu. Ela adquiriu uma segurança muito grande graças aos seus exercícios e aos ensinamentos de Grande Orelha; este até ensinou-lhe os movimentos essenciais para diminuir sua altura; isto não era aliás muito difícil; é suficiente deslizar nas zonas da gruta onde há menos vento. Como ainda não tinha o direito de entrar na gruta propriamente dita, ela treinava em certos recantos do corredor, cuidadosamente escolhidos para este efeito.

O grande dia do encontro chegou afinal. Desde que a viu no horizonte com Semáforo, Grande Orelha não pôde conter-se em lhe fazer sinais de grande alegria e logo que se encontraram ele lhes anunciou a grande nova:

— Manitu vai recebê-los hoje! Venham depressa e preparem-se.

O coração de Ondina começou a bater mais forte de emoção; vai enfim conhecer seu Mestre e fazer a aprendizagem da Experiência do Grande Retorno. Ela não compreende muito bem o que significa este “Retorno”; retomar onde? retomar a quê? E na verdade muito, muito misterioso.

Os três fizeram as manobras necessárias para se aproximarem do penhasco, atravessar o corredor interior e entrar na gruta. A luz resplandecente que intrigava Ondina a princípio banha agora toda a gruta; emana de uma fonte que se encontra bem no fundo, do local mais profundo deste espaço enorme, bem maior do

que Ondina o imaginou no começo; havia espaço para uma centena de ondinos; à medida que ela se acostuma à luminosidade, começa a perceber um certo número deles; passam de uma corrente de ar forte para uma corrente de ar mais fraca, depois, devagar, voltam à corrente de ar mais forte e simultaneamente diminuem e aumentam de tamanho.

— Manitu encontra-se lá dentro.

Grande Orelha mostra uma pequena cavidade, uma gruta muito pequena em relação à grande onde eles se encontravam:

— Esperem um instante! Eu vou ver se ele pode recebê-los!

Alguns minutos ainda se passaram, os mais longos da vida de Ondina.

— Venham! – e Grande Orelha levou-os até Manitu.

Sorridente, luminoso, transparente, o olhar transmitindo um amor infinito do qual Ondina se sente imediatamente invadida, eis a primeira impressão que causa a todo mundo que faz contato com ele.

— Como é bom rever você aqui, minha querida Ondina... Rever? Ele havia dito rever? Ondina ficou embaraçada com isto, ainda mais porque ela acabava de sentir a impressão de já ter visto, de familiaridade; eu diria mesmo, de intimidade; era como se eles não se tivessem separado jamais; verdadeiramente estranho! Como se ele adivinhasse seus pensamentos, acrescentou:

— Isto a surpreende, não é! Você compreenderá pouco a pouco que nós somos velhos amigos, que se encontraram já muitas vezes; e como vão seus exercícios preliminares?

Grande Orelha, a quem era dirigida esta pergunta, explica que Ondina é uma de suas alunas mais brilhantes.

— Não há nada de extraordinário nisto, não é senão uma reaprendizagem; na última vez que nós nos vimos, você era, com efeito, minha melhor discípula...

Ondina não pôde reter sua emoção e começou a chorar; não são lágrimas de tristeza, mas de alegria, de alegria profunda e pura; mas ela não se recordava; soluçando, fez a pergunta essencial:

- Nós já nos encontramos de verdade?...
- Venha por aqui; deixe-se diminuir... devagarinho... assim...! Muito bem...!

Ele a levou a um canto da gruta onde há menos vento e os dois transformaram-se em ondas bem pequenas; e foi aí que Ondina se lembrou de tudo; se viu na mesma gruta fazendo o mesmo papel de Grande Orelha; ela ensinava aos outros os exercícios que é necessário fazer para chegar ao estado do Grande Retorno; e de repente compreendeu: o Grande Retorno...! Ela tinha se precipitado em direção a uma zona sem vento, quando Manitu cortou-a rápido, parando-a no caminho:

- Não, não, ainda não! Isto é suficiente por hoje. Falta-lhe ainda muito preparo, ou melhor, retreinamento: falta-lhe reaprender não somente a efetuar o Grande Retorno, mas ainda a saber voltar ao estado de ondino. Retornemos à grande corrente de ar.

Lá, voltou a ser Ondina de novo. Ondina acabava de viver um passado longínquo, em todos seus detalhes, um passado onde, nesta mesma gruta, ela havia sido auxiliar de Manitu; não se chamava Ondina; nem mesmo era uma ondina, porém um ondino muito alegre, vivo e extremamente ativo; sua atividade era alimentada por um Amor. por essa força extraordinária; um Amor muito, muito possante, o mesmo que ela havia pressentido hoje ao entrar na gruta; uma comunhão perfeita existia entre Manitu e ela. Num centésimo de segundo, se lembrou de que já havia vivido o Grande Retorno; ela sabia como fazer mas não chegava a recordar-se de como proceder.

Ondina sentiu que Manitu tinha feito bem em não deixá-la ir muito longe e que muitos dias seriam necessários para ela poder se refazer desta experiência muito profunda e emocionante; ela não teria suportado mais do que isto e teria certamente perdido o controle da situação. Tinha necessidade de ficar só e de refletir sobre tudo que se passou.

Semáforo havia assistido a tudo e se rejubilou de ver o progresso de Ondina; é com surpresa que constatou agora que ela já estava no mesmo nível dele apesar do tempo muito curto que tomou para sua aprendizagem. Eles iam se retirar quando Manitu os chamou:

- Nós temos índices seguros que nos permitem afirmar que a situação ondina vai agravar-se a tal ponto que poucas coisas subsistirão após o conflito: o vento vai começar a aumentar sua força nos próximos dias até transformar-se em tempestade: numa tempestade, os ondinos perdem completamente o controle de seus corpos e mesmo de seu espírito, o que vai levá-los fatalmente à guerra. Só aqueles que têm recebido aqui um treinamento suficiente poderão sobreviver; ainda há condição de vir aqui para aperfeiçoar a aprendizagem até obter o Grande Retorno. Eu os aconselho a voltar o mais cedo possível, em vista deste estado de tensão continuar durante muito tempo. A visem a todos os amigos, a todos aqueles que estão preparados para entrar aqui.

À medida que ele fala, todos os ondinos e ondinas presentes dentro da gruta se aproximam e ouvem estas palavras graves num ambiente de recolhimento e respeito.

Ondina, percebendo com o olhar a assembléia que se formou em torno de Manitu e que se comprime agora em torno desta pequena gruta por faltar espaço, reconheceu, com surpresa, alguns amigos que nunca lhe haviam dito palavra a respeito de Manitu. É com alegria que aí descobriu, em particular, Musinha, cujo último poema é todo feito de acordo com o espírito de paz que reina aqui; é o que lhe diz ao aproximar-se dela, demonstrando-lhe com um gesto sua alegria de vê-la neste lugar.

- É extremamente importante para a continuação da ondidade e dos preciosos conhecimentos que nós possuímos sobre sua natureza que garantamos a preservação tão intacta quanto possível da Tradição do Grande Retorno e dos métodos que levam a ele; eis por que eu os convoquei para um longo retiro onde nós vamos trabalhar juntos em profundidade.

Que venham aqueles que têm um sincero e profundo desejo de transmitir o que aprenderam, a todo ser que demonstre interesse e que queira realmente pôr-se ao serviço dos outros. Aqueles que vêm somente para salvar-se da tempestade não chegarão à experiência do Grande Retorno, não porque não o queiram, mas porque uma das condições do sucesso da experiência é de não viver isolado do resto do mundo. A idéia de ser somente um ondino que diz “Mim, Eu...”, é o maior obstáculo à liberação do Grande Retorno.

Estas últimas palavras impressionaram vivamente Ondina e Semáforo e os intrigaram; eles não compreendiam muito bem o que Manitu queria dizer: por que acreditar que somos ondinos impedia o Grande Retorno?

## **OS ONDINOS VÃO A GUERRA**

Ondina e Semáforo deixaram a gruta imediatamente após o apelo de Manitu. Eles não tinham tempo a perder.

Semáforo, graças à sua profissão, estava em contato com muita gente, o que lhe permitia avisar, em pouco tempo, a todos os discípulos de Manitu que conhecia; como sabia que Ondina era amiga de Respinguinha, pediu-lhe para avisá-la, pois ela também fazia parte do grupo de aprendizagem do Grande Retorno.

Ei-la, pois, à procura de Respinguinha, muito contente de saber que tanta gente simpática vai também fazer parte do retiro.

Contrastando com o ambiente de paz e de serenidade que reinava no penhasco, um clima de apreensão geral constituía a tônica dominante; com todos os rostos que ela cruzava, lia-se preocupação e, algumas vezes, até mesmo medo.

As notícias estavam péssimas. A “Gazeta Ondina” estava cheia de dados ameaçadores; as últimas informações não punham dúvida quanto ao trágico resultado da situação.

Havia-se tentado entabular negociações conciliatórias entre o Norte e o Sul; Orátus, motivado por um espírito de fraternidade e de paz, próprio à sua religião, havia enviado seu melhor amigo, Páxus, um diplomata nato, para fazer uma proposta muito razoável aos dois generais dos dois campos. Como havia

oceanusistas tanto no Sul como no Norte, ele queria impedir o pior; a proposta consistia em um acordo de troca comercial bem simples e cheio de bom senso:

Os ondinos do Norte exportariam gotas de ouro geladas para os ondinos do Sul; em compensação, os sul-ondinos exportariam gotas de ouro brilhantes e selecionadas para os norte-ondinos; o General Borrasca autorizaria a passagem de caravanas de oceanusistas do Sul e lhes garantiria o acesso ao lugar sagrado da estátua de Oceanondino. Mas num clima como aquele que já reinava neste momento, perde-se completamente o bom senso em proveito da desconfiança e da agressão.

Eis algumas notícias dadas pela “Gazeta Ondina”:

#### *“Um Incidente Diplomático Lamentável*

O enviado especial de Sua Santidade Orátus II, o eminente diplomata Páxus, foi detido pela polícia militar do General Borrasca. Este ato está em contradição flagrante com nossas informações anteriores que afirmam que esta autoridade suprema norte-ondina tinha dado seu acordo de príncipe em vista das negociações.

O incidente é ainda mais potencialmente perigoso porque o diplomata Páxus era ao mesmo tempo o emissário do General Furacão. Parece que não há mais esperança de conciliação, porque este gesto significa tão simplesmente uma ruptura de relações Norte-Sul.”

#### *“Hostilização Geral das Tropas do Norte e do Sul*

O General Furacão, em conseqüência dos recentes incidentes da fronteira e da detenção do diplomata Páxus, acabou de decretar a mobilização geral de todas as tropas disponíveis. Todos os ondinos em idade de combate devem apresentar-se imediatamente aos postos de treinamento cujo número está indicado em sua Carteira Militar.

Sabendo da notícia da mobilização das tropas do General Furacão, o General Borrasca deu imediatamente a ordem, a título de precaução, de mobilização geral de suas tropas.”

*“O General Furacão Entrevistado  
por Nossa Repórter Pena de Ganso*

*Reportagem exclusiva da “Gazeta Ondina”;*

Os leitores da “Gazeta Ondina” que acompanham passo a passo o desenrolar dos acontecimentos trágicos devem estar curiosos de saber o que pensa uma das grandes autoridades militares, o General Furacão. Nós nos apresentamos então, por este motivo, ao seu quartel-general.

Em toda a volta viam-se apenas novos recrutas esperando instruções no sétimo posto de mobilização; todos eles tinham os semblantes tensos; via-se que haviam dormido mal ou absolutamente não dormido nada.

Esperando a recepção do General, decido entrevistar alguns destes jovens:

- Você lá embaixo quer dizer algumas palavras sobre a situação aos leitores da “Gazeta”?
- Bem, não é nada engraçado isto que vai acontecer; eu preferiria continuar a dançar lá fora.
- O que faz você na vida normal?
- Eu estudo Ondologia; sou aluno do Professor Ondólogo.
- Você acha que vai haver guerra?
- Oh! Isto está no ar, embora eu espere que não!

Um ajuntamento de jovens se fez em torno de mim; não tenho mais escolha.

- E você, em caso de guerra, você se sente preparado?
- Isto eu não sei; é a primeira vez que vou fazer o serviço militar.
- E você, acha que o moral é bom?

Neste momento um soldado da Polícia Militar me pediu para afastar-me. “Por razões de Segurança Nacional e por ordem do General Furacão, as entrevistas jornalísticas de militares estão proibidas.”

Ele me pediu polidamente para entrar no recinto aquático reservado à sala de espera das visitas.

Alguns minutos mais tarde, uma sentinela me chama. O General Furacão me recebe com um sorriso forçado; vê-se que está sobrecarregado de decisões a tomar; dá três instruções a três pessoas ao mesmo tempo.

— Então, você é Pena de Ganso; em tempos de Paz eu gostava muito de ler suas reportagens...

— Ah! E nós não estamos mais em tempos de Paz?

O rosto do General se fechou; minha pergunta feita de repente o pegou desprevenido...

— E! E tudo como... A honra dos sul-ondinos está em jogo; é verdadeiramente um ultraje à liberdade e às garantias diplomáticas colocar em detenção nosso embaixador Páxus. Ah! mas isto não vai ficar assim; ele vai nos pagar isto, este Borrasca! este filho da...

— E como o senhor pode estar assim tão seguro da vitória?

— Nossos recrutas têm um moral a toda prova e temos armas secretas deveras infernais.

Um ríctus de prazer passou por seu rosto:

— Nós vamos exterminar da face da água estes norte-ondinos pretensiosos e despóticos.

O General Furacão estava verde de raiva; mesmo algumas gotas de sombra que ele emitia tomavam um reflexo esverdeado. Era melhor parar por aí. Não havia, na verdade, mais ambiente para continuar a entrevista; o General Furacão estava no auge da raiva. Me retirei então o mais discretamente possível para evitar enervá-lo ainda mais.

Como nossos leitores podem julgar por eles mesmos, a situação é verdadeiramente explosiva. Poder-se-á ainda parar a corrente dos acontecimentos?"

### *Inquietante Aumento do Tamanho das Ondas*

– *Comunicação do Instituto de Ondologia*

O serviço do Professor Ondólogo acaba de emitir um comunicado inquietante: a altura média dos ondinos mostra tendência a aumentar nos últimos

tempos. O Professor, interrogado por nosso serviço de reportagem, declarou que atribui este fenômeno a um ligeiro aumento da velocidade do vento.

- E se a velocidade aumentar muito, nos transformaremos em gigantes?
- Nós não temos nenhuma experiência neste sentido; também as conseqüências do aumento do vento são imprevisíveis.
- É verdade que esse aumento do vento tem influência sobre os acontecimentos atuais?

Será? Eu não tinha pensado neste aspecto da questão responde o Professor, muito surpreso. – Seria necessária uma longa observação da correspondência entre a velocidade do vento e as emoções dos ondinós; eu não posso, pois, responder à sua pergunta.

- É verdade que a velocidade do vento ainda vai aumentar?
- Há muito tempo que insisto para obter a criação em meu instituto de um serviço novo que batizei de “Ventologia”, ou ciência do vento: infelizmente as autoridades ondinós apoiadas pela maioria dos ondinós dão preferência marcante ao Instituto de Agadoisologia; o que quer você, os ondinós se deixam facilmente influenciar pelas idéias na moda!

É com esta triste constatação que se termina a reportagem da “Gazeta Ondinós”.

### *Última Hora: O Professor Agadoisó se Refugia entre os Norte-ondinós e Pede Asilo ao General Borrasca*

Um batalhão da polícia militar do General Furacão se apresentou ao Instituto Agadoisó com um mandado de prisão contra o Professor Agadoisó. Seu assistente declarou que ele havia deixado o Instituto já havia algum tempo.

Nossa reportagem, depois de penosas mas rápidas pesquisas, chegou a reconstituir os fatos.

Como a “Gazeta” já havia publicado em uma edição anterior, o Professor Agadoisó passou ao General Borrasca métodos secretos de destruição em massa; isto o fez ser considerado pelo General Furacão como um traidor, passível de tribunal militar. Isto explica a fuga do Professor e o mandado de prisão.”

*Última Hora: Manifestações Oceanusistas de Apoio  
ao General Furacão. Choques entre Militares e Agadoisoístas*

Depois do incidente da peregrinação dos Oceanusistas e detenção do diplomata Páxus, os Oceanusistas efetuam reuniões e manifestações em favor da libertação deste distinguido diplomata.

Na última manifestação, um grupo muito numeroso de Agadoisoístas tentou interceptar e impedir a formação de um desfile monstro oceanusista.

A polícia militar do General Furacão teve de intervir para proteger o desfile; Conta-se já muitos mortos, tanto entre os dois campos como entre a polícia.

Em consequência destes acontecimentos, o número de Oceanusistas que se apresentam como voluntários aumenta a todo instante; de outra parte, inúmeros Agadoisoístas, temendo represálias da parte do General Furacão, se refugiam do lado dos norte-ondinos; o General Borrasca fez instalar postos de acolhida de refugiados e centros de alistamento para voluntários Agadoisoístas.

Como havia previsto nossa colega Pena de Ganso, a guerra é agora inevitável e toma a forma de uma guerra ideológica entre os Oceanusistas partidários do General Furacão e os Agadoisoístas partidários do General Borrasca.”  
“Sérias Dúvidas a Respeito das Armas Secretas: Elas Vão nos Matar a Todos?

Malgrado todas as precauções tomadas pelas autoridades militares, sabe-se agora que as armas secretas utilizadas pelos dois exércitos podem criar um desequilíbrio ecológico e fazer desaparecer todos os Ondinos da face da água.

Muitos sul-ondinos e norte-ondinos acabam de desertar em sinal de protesto contra o caráter antiondino desses métodos bárbaros.

Estes jovens recrutas acabam de nos revelar do que se trata. Os norte-ondinos treinam intensamente para provocar enormes processos de turbilhonamento em massa, graças a uma gigantesca dança em círculo de milhares de militares; o círculo se abre no momento do ataque do exército inimigo; este, preso na armadilha, é engolfado literalmente em imensos turbilhões assim produzidos; não se sabe até que ponto esses turbilhões não vão se estender até às populações civis dos dois campos.

Os sul-ondinos têm um processo ainda mais violento. Fundado sobre a lei do aumento do tamanho das ondas sob a influência do vento, os recrutas sul-ondinos

são treinados para provocar correntes artificiais de vento: os soldados inclinam seu corpo dos dois lados de uma linha reta, que forma assim uma enorme corrente de ar pela qual o vento entra precipitadamente e vai atacar as linhas inimigas aumentando o tamanho dos soldados, o que provoca um desequilíbrio emocional de conseqüências ainda desconhecidas. Aí também ignora-se onde vão terminar as violentas correntes de ar assim formadas; as populações civis são ameaçadas...

A desconfiança que se espalhou pelos dois campos é muito grande e constitui agora um obstáculo intransponível; a loucura ondina não tem mais limites; a guerra é inevitável; e com ela pode ser o nosso fim...”

À medida que Ondina tomava conhecimento destas notícias, sua apreensão aumentava; sentia seu tamanho aumentar ligeiramente, o que lhe dava um sentimento estranho de importância e ao mesmo tempo um maior isolamento das outras ondas; era como se ela perdesse seu equilíbrio; era necessário mais esforço para dançar; sua produção de gotas de ouro começou a diminuir; era, na verdade, a hora de ir refugiar-se no penhasco de Manitu.

Encontrando Respinguinha, ela não pôde impedir de se notar a tristeza que se mostra em seu rosto: “Ondina! Diga-me, o que se passa; será que estou doente? Eu não tenho mais gotas de ouro suficientes para dar aos sofredores; e também começo a sentir-me tão egoísta!...” Evidentemente, Respinguinha não está de todo a par dos acontecimentos, tanto estava ela ocupada a dedicar sua vida aos infelizes distribuindo-lhes gotas de ouro.

Ondina lhe dá todos os detalhes da situação, O que não faz, evidentemente, senão aumentar a tristeza de Respinguinha; mas no momento em que Ondina pronuncia o nome de Manitu, seu rosto brilha de alegria:

- Você também é discípula de Manitu? Que boa surpresa! Ele tem uma mensagem para mim?
- Sim! Manitu nos aconselha a ir todos ao Penhasco e aí fazer um grande retiro; estando todos ao abrigo do vento que aumenta e da guerra, ele vai nos ensinar a efetuar o Grande Retorno. Ele nos recomenda a ir para lá o mais cedo possível, antes que aumente nosso tamanho e nos faça perder o controle...

Não há nada que retenha Respinguinha; ela está sempre disponível e aberta; assim, elas decidem apresentar-se imediatamente ao penhasco; já era hora do fim do trabalho de Semáforo; não lhes resta senão apanhá-lo no seu cruzamento.

Semáforo já as esperava, cercado por uma dezena de discípulos de Manitu que ele havia conseguido contatar: não faltava nenhum; havia tanto Ondinos quanto Ondinas.

Eles iam se dirigindo ao caminho do penhasco, quando um vendedor de jornais aproximou-se gritando:

— A “Gazeta Ondina”. Edição especial: A Guerra está declarada...

Não havia mais tempo a perder aqui; a velocidade do vento aumentava a todo momento; o grupo de discípulos de Manitu, com Semáforo à frente, tomou a direção do penhasco.

## **O RETIRO DO PENHASCO**

Sob a influência do aumento do vento, o grupo dos discípulos de Manitu com Ondina e Semáforo à frente, com muito mais tempo do que de hábito, foi apresentar-se ao penhasco.

Grande Orelha os esperava perto da entrada da gruta; como todos os dias, ele aproveitava disto para salvar ondinos; só que desta vez ele dá instruções complementares sobre certas maneiras de evitar o aumento do tamanho sob a influência do vento; mas estas técnicas são muito limitadas e só servem para uma certa rapidez do vento; elas não são senão paliativos, pois a tempestade se anuncia rapidamente.

Ao efetuar todas as manobras costumeiras, eles souberam que todos os alunos de Manitu já haviam chegado.

— Que bom vê-los todos aqui; eu começava a inquietar-me por causa deste atraso. Acabei de saber que a guerra começou; é tempo de entrar na gruta; Manitu nos espera para dar-nos nossa primeira lição e nossas instruções a respeito do retiro; não há mais tempo a perder!

Grande Orelha entra primeiro seguido por todo o grupo em fila indiana, porque o corredor era muito estreito. Chegando à gruta, Manitu os recebe com um grande sorriso; ele estava lá, cercado de todos aqueles que já haviam chegado; com um gesto afetuoso, convida os recém-chegados a tomar lugar ao seu redor. E começou a falar para dar uma orientação sobre o Retiro. Um grande silêncio de expectativa se apoderou da assembléia; se houvesse moscas ali, se as ouviria voar... Ele fechou seus olhos como para concentrar-se em si mesmo, para estar mais seguro do que ia dizer; quanto mais ele se concentrava em si mesmo, mais aumentava o silêncio. E tranqüilamente como uma flauta doce que murmura num bosque, sua voz se fez ouvir; não havia necessidade de saber o que dizia; só a vibração sonora era suficiente para exprimir o Amor que irradiava de todo o seu ser. E foi sobre o Amor que começou a falar:

- Vocês vieram aqui por duas grandes razões que não são senão uma só realidade: a primeira é saber o que vocês são realmente graças à experiência do Grande Retorno; a segunda, aprender a comunicar esta experiência a todos os seres com o mesmo Amor que uma mãe consagra à sua criança; uma mãe não quer senão o bem, a alegria e a felicidade dos filhos; é deste Amor que eu falo.

Há vários Ondinos que vieram aqui e abandonaram sua aprendizagem logo que obtiveram certos poderes como o de utilizar o vente para evitar ser turbilhonado ou enterrado ou para “ver” à distância o passado, o presente ou o futuro. Eles o fizeram para tornar-se célebres ou para ganhar gotas de ouro; isto os fez esquecer a importância do Grande Retorno. Se perderam no caminho, porque seu espírito estava muito arraigado a seu interesse pessoal.

Este apego à celebridade ou às gotas de ouro provém de uma ilusão, ou poder-se-ia mesmo dizer, de uma ignorância fundamental: esquecemos completamente que não somos separados uns dos outros, mas que fazemos parte do Grande Oceano, que somos o Grande Todo. Isto que eu lhes afirmo não é apenas uma crença, mas o resultado da experiência do Grande Retorno, que é o alvo de todo mundo; se lhes digo isto, não é porque creio nisto, mas porque eu sei que é verdade, porque eu vivi isto e vivo isto todo o tempo.

Todos os Manitus que me precederam e estes que vivem ainda atualmente, vivem a mesma coisa que eu vivo: eles “vêm” com os olhos do espírito que são ao mesmo tempo uma onda e o Grande Oceano. Vocês todos, vocês podem tornar-se Manitus, quer dizer, seres que sabem tudo e consagram sua existência a transmitir esta sabedoria aos outros, com todo seu Amor. Todos estes, sem exceção, insistem sobre o fato: nós não estamos nunca separados uns dos outros, nem separados do Grande Oceano. É isto que vamos “realizar” aqui, graças à experiência do Grande Retorno. “Realizar” quer dizer tornar real, viver a realidade tal como ela é: será necessário vocês se armarem de muita paciência durante este retiro; de tempos em tempos vocês terão desejo de sair; neste momento lembrem-se dos sofrimentos e decepções que tiveram de suportar antes de vir; e da guerra que acabou de explodir; aprenderemos aqui de onde vêm o sofrimento e a guerra e como evitar estes males.

De outras vezes vocês não chegarão a acreditar no que eu lhes digo; vocês pensarão, por exemplo: “Eu, sou Júlio; eu sou um Ondino; eu vejo Manitu diante de mim; eu vejo minhas gotas de ouro separadas de mim; logo eu existo como Ondino separado; tudo isto que Manitu nos contou são contos da carochinha; deve ser ainda um destes supersticiosos fanáticos; no fundo, que é que eu faço aqui?” Se vocês se deixarem levar por estes pensamentos, o seu progresso parará e vocês se arriscarão a recair na ignorância total, que consiste justamente em crer que você é você, e que eu sou eu...

É isto, aliás, que eu chamo ser “normal” entre as ondas. Sejam abertos às idéias que Grande Orelha e eu mesmo vamos transmitir-lhes; elas pertencem a uma antiga sabedoria, fruto da experiência de inumeráveis Manitus; tenham confiança neles até que vocês mesmos tenham descoberto, pelo Grande Retorno, que eles têm razão. É isto, aliás, que eu lhes recomendo pela minha voz: “Não creiam em nada sem ter antes uma experiência pessoal; mas sejam abertos e tenham confiança em nossos ensinamentos até que, graças a isto, vocês obtenham a experiência do Grande Retorno.”

Eu lhes ensinarei uma série de exercícios práticos que lhes ajudarão a constatar, progressivamente, que não há nenhuma separação entre nada...

À medida que Manitu falava, os exemplos vividos por Ondina começaram a desfilar em seu espírito. Quando ele começou a falar do Amor autêntico, ela se

lembrou imediatamente de Respinguinha, cujos olhos brilhavam de alegria pura ao escutar as palavras do Mestre.

- É para isto que eu vim; eu me dou conta agora; é disto que todos os Ondinos têm mais necessidade; o verdadeiro Amor está tão raro em nossos dias! A maior parte dos Ondinos acredita amar alguém quando ele lhes é útil, lhes dá prazer; e cada um dá prazer ao outro com a esperança de receber prazer; isto é comércio, não é Amor; dá-se carinho para receber carinho; dá-se amizade para receber amizade; e se o outro não corresponde à nossa expectativa, ficamos com raiva e vamos procurar qualquer outro...

Ondina não podia senão estar de acordo com o que Respinguinha acabava de declarar; Respinguinha se dava, sem jamais esperar uma recompensa; a alegria de dar é a mais bela compensação de seus atos desinteressados. Ondina havia sentido esta alegria muitas vezes em sua vida; ainda há algumas horas ela a havia experimentado quando foi convidar Respinguinha em nome de Manitu; a alegria de Respinguinha tornou-se sua alegria. Quando Manitu falou dos Ondinos que abandonaram a aprendizagem do Grande Retorno desde que obtiveram certos poderes, ela lembrou-se de Risco; soube por Semáforo que ele havia aprendido a evitar os turbilhonamentos e enterros com Grande Orelha; e mais do que isto, ele se gabava de ser vidente; havia, por exemplo, previsto muitos acidentes que se realizaram efetivamente e isto aumentou seu prestígio e também sua vaidade. Respinguinha recebeu também um poder extraordinário: o de curar com suas mãos; mas isto era para ela uma ocasião a mais de ajudar aos outros; ela não ficava orgulhosa e não abandonou sua aprendizagem por causa disto.

Quando Manitu falou do apego que os Ondinos têm às gotas de ouro, ela não pôde impedir-se de pensar em Conta-Gotas, que passa seu tempo a contar gotas de ouro, e nos ondinos que partiram agora para a guerra em nome das gotas de ouro; pensa também na teoria de Agadoisó, que afirma que as gotas de ouro não são senão água. Mas, então, esta guerra se fará em nome de uma ilusão, ou pior ainda, do apego de todos os ondinos a uma idéia que eles fazem das gotas de ouro, a um valor que eles lhes atribuem e que elas não têm na realidade?

E o orgulho? Evidentemente isto lembra logo Brilhantina; aí também trata-se de apego a uma idéia: a imagem que se faz de si mesma, a importância que se dá a si mesma; ela se enche de raiva se se contraria seu orgulho ou se não a elogiam suficientemente; e eis aí a cólera que vem do orgulho; como este mundo das ondas é complicado!

O que Ondina não pôde compreender era esta idéia segundo a qual ela não seria separada dos outros Ondinos e que faria parte do Grande Oceano e que seria o Grande Todo; isto não tinha nenhuma lógica; como poderia ela ser ao mesmo tempo Ondina e o Grande Oceano? Na verdade, isto não fazia sentido. Mas então será verdade o que Agadoisó afirmou que todos os Ondinos não seriam senão água, assim como as gotas de ouro; e depois ela se lembrava do filho de Oceânus, Oceanondino, que afirmava ser Oceânus. Será que Oceânus seria o mesmo Grande Oceano do qual falava Manitu há alguns instantes? Ou se tratava de coisa diferente? Eis uma pergunta a ser feita a Manitu, no momento de uma “sessão de perguntas e respostas” que fazia parte do programa de aprendizagem.

De qualquer maneira, ela depositava confiança em Manitu tal como ele o queria; além do mais, já havia feito uma experiência com ele, no curso da qual ela viveu um passado longínquo; compreendia a diferença que ele fazia entre crer e saber; por exemplo, agora, ela sabia que já havia vivido e trabalhado com Manitu; e sabia que, para conhecer seu passado, tinha de diminuir seu tamanho.

No mesmo instante lembrou-se de que Manitu a havia impedido de ir mais longe; então, este deve ser o caminho a percorrer; reduzir seu tamanho até desaparecer. Ela o tinha feito espontaneamente; logo já sabia fazê-lo, já havia aprendido!... Mas era isto tudo de que ela se lembrava.

Ondina compreendia agora por que todos os discípulos, sem exceção, tinham uma confiança quase cega em Manitu. É que todos já tinham passado por certas experiências análogas e sabiam que a realidade era bem mais vasta do que aquela percebida pelos ondinos em seu tamanho normal.

E no tamanho normal, os ondinos se percebem uns aos outros como separados, como indivíduos, como pessoas diferentes; como disse Manitu, é isto que se chama ser “normal” entre os ondinos. E esses loucos, Lunático e Onda Louca? Talvez sejam eles normais, pois o primeiro lhe havia gritado na cara:

- Você não é urna ondina; eu, eu sou Oceânus; eu me lixo para as gotas de ouro...

Mas, então, os loucos são os ondinos e os normais seriam Lunático, Onda Louca e Manitu; pois Manitu acaba de dizer quase a mesma coisa, salvo que não falou de Oceânus mas do Grande Oceano, do Grande Todo.

Ondina não havia parado de pensar em Lunático e Onda Louca, quando urna surpresa a tornou completamente desprevenida! Lá embaixo, na zona da gruta onde a corrente de ar diminuía e onde por conseqüência os discípulos treinavam reduzir seu tamanho, Lunático e Onda Louca recebiam instruções de Grande Orelha! Ela não acreditava em seus olhos! Mas, então, eles não eram tão loucos assim, pois estavam aqui!

Tomada pela curiosidade se aproximou do pequeno grupo. Grande Orelha estava explicando como passar de urna corrente de ar para outra e como adaptar-se às duas situações:

- Quando seu tamanho diminui vocês mudam de estado de espírito e são postos em contato com seu passado e seu futuro; vocês têm acesso à memória e aos programas do Grande Oceano. Vocês se mantêm neste estado de espírito tanto tempo quanto ficarem na corrente de ar mais fraca, quer dizer, quando seu tamanho for menor. O importante é não esquecer: vocês retornaram à corrente de ar mais forte. Quando vocês estiverem bem treinados a fazer esta passagem, que é urna verdadeira viagem no tempo, ir e voltar, Manitu lhes ensinará a fazer o Grande Retorno, pela utilização da zona sem vento. O grande segredo se encontra na zona sem vento...
- Nós fizemos isto lá fora e o achamos muito divertido... Eu tentei fazer compreender tudo isto aos ondinos; Onda Louca também; eles nos acharam loucos e eu perdi a paciência com eles; eu os xingava todos quando chegavam perto de mim!

E Onda Louca confirmou a afirmação de Lunático:

- Sim, é verdade! Eu achava isto tão maravilhoso que não cheguei a explicar aos outros o que ressentia; só Lunático me compreendeu desde que eu o conheci; eis por que nós vivemos juntos.
- É por isto que é importante treinar suficientemente para saber viver os diferentes estados de espírito e saber como se comportar. Vocês descobriram em parte o segredo do Grande Retorno; aqui vocês terão ocasião de conhecer a verdade completa.

Esta observação final de Grande Orelha e tudo que o casal acabava de contar constituiu uma resposta direta às dúvidas de Ondina quanto à loucura dos dois: eram considerados como loucos porque eles não viam o Mundo como a maioria dos ondinos...

Ondina lhes contou que já os havia visto e que havia tido dúvidas sobre a sua “loucura”. Fizeram amizade; Ondina achou muito engraçado vê-los conduzir-se tão normalmente dentro da gruta e saber que eles estavam sendo vistos como loucos lá fora.

E quem sabe? Talvez são os ondinos que são os loucos; este retiro ajudará justamente a sair deste estado de demência que consiste em se ver separado dos outros ondinos e em ser incapaz de imaginar este Grande Oceano do qual fala Manitu.

Lunático se fazia a mesma pergunta que Ondina a respeito do Grande Oceano. Como havia recebido uma formação oceanusista, ele estava inclinado a crer que o Grande Todo é Oceânus. Decidiram apresentar a pergunta a Manitu em uma das próximas sessões.

Antes de dormir, dançando como de costume, Grande Orelha deu as instruções a todo mundo, para dormir na zona da pequena corrente de ar:

- Assim – disse ele – vocês dormirão melhor e mais depressa; um pouco mais disto e vocês se habituarão a entrar e sair do estado de consciência de sonho, que é semelhante ao estado de espírito intermediário entre a vigília e o Grande Retorno; quanto mais vocês treinarem a fazer esta passagem, mais depressa se aproximarão do Grande Retorno. Amanhã e nos dias seguintes, treinem para fazer isto, dias e noites, sem parar. De

tempos em tempos eu os chamarei para uma sessão de aperfeiçoamento ou uma lição de Manitu.

Os resultados não se fizeram esperar; já na primeira noite, Ondina teve um sonho que não parecia sonho; ela se viu voando em cima das ondas, fora da gruta; em certo momento percebeu nitidamente Pena de Ganso falando e entrevistando o General Furacão; todos os dois tinham um ar muito ansioso e seu tamanho era quase o dobro do tamanho normal.

Ela falou disto, no dia seguinte, a Grande Orelha:

- Sim, você tem razão; isto não foi um sonho; todas as noites nós saímos de nosso corpo e viajamos no espaço e no tempo; você esteve realmente com eles.
- Mas como, se meu corpo ficou na gruta? não pôde impedir-se de perguntar Ondina.
- E que nós temos muitos corpos; um é feito de água; o outro é nosso espírito que sente e pensa; quando sonhamos dançando em nosso tamanho normal, nossos sonhos não são senão memórias e imagens tomadas de nossa vida corrente; quando nosso corpo diminui sob a influência de um vento baixo, nosso espírito se alarga e pode alcançar e se estender a não importa qual parte do Universo. Quanto mais o tamanho do corpo d'água diminui, mais nosso espírito se estende. Quando nosso tamanho achatá-lo completamente, nosso espírito retomará àquilo que ele sempre foi: o Grande Oceano, o Grande Todo; é a experiência do Grande Retorno.

Assim, todas as coisas que vemos em nossa vida cotidiana, no tamanho normal e no tamanho pequeno, não são senão limitações do Espírito do Grande Oceano e não são, no fundo, senão sonhos.

Ondina compreendeu de repente o que ele queria dizer do sonho:

- Em suma – diz ela – uma onda diante de outra onda, é a água do corpo do Grande Oceano diante da água do corpo do Grande Oceano; quando o espírito de uma onda vê o corpo de outra onda, isto não é senão o Grande Oceano que se olha a si mesmo!

- É isto, Ondina! Você compreendeu muito bem. É importante compreender isto a princípio; vai facilitar-lhe a experiência do Grande Retorno. Os ondinos estão tão habituados a crer que são diferentes uns dos outros que não chegam a aceitar este fato. Eis por que é necessário exercitar progressivamente.

Ondina estava encantada. Tagarelando com Semáforo sobre tudo isto que eles haviam experimentado, ficou sabendo que ele também havia tido durante a noite uma experiência de saída da gruta; voltou ao cruzamento onde tinha o costume de trabalhar; havia lá embaixo um tráfego enorme de jovens ondinos partindo para a guerra; ele viu mães que choravam a partida de seus filhos e outras cenas aflitivas.

Como lhes foi pedido, eles exercitaram sem parar, a mudar de tamanho passando alternativamente de uma corrente de ar à outra. Cada vez que seu tamanho diminuía, seu espírito se alargava; tomavam, então, contato com diferentes mundos e aprendiam pouco a pouco que o mundo das ondas era, de fato, muito limitado; viam formas e seres dos quais não conheciam nem mesmo a existência e formas para as quais nem tinham nome dentro da linguagem ondina; assim havia muita dificuldade em explicar a Grande Orelha sobre o que tinham visto.

- O que são aqueles ondinos achatados, que não são feitos de água e que têm também braços lá embaixo? Eles têm quatro braços; dir-se-ia que são ondinos, mas não são ondinos porque quando eles se abraçam ou se batem não há enmarmento; eles vivem do outro lado, onde há os enterros.

Grande Orelha fez um sorriso divertido:

- Isto são os humanos.

Ondina já havia ouvido falar dos humanos que haviam ferido numerosos ondinos passando por cima de seus corpos; era como se dividissem seus corpos em dois. Pouco a pouco descobriu o mundo dos animais, das árvores e das plantas e as paisagens terrestres e marinhas as mais diversas.

Quando reentrava em seu corpo de água, após cada viagem ela sentia como se reentrasse em uma espécie de prisão, tanto se sentia limitada.

As lições de Manitu eram todas muito interessantes e mostravam aspectos inteiramente novos sobre a vida e a natureza das coisas.

- Agora que vocês já estão habituados a “ver”, saindo de seus corpos e dando expansão a seu espírito, vocês estão aptos a compreender que o Mundo não é tal qual nós o vemos habitualmente; a realidade é ainda muito mais diferente daquela que vocês perceberam em suas “viagens” ao exterior; aliás, vocês o viram bem agora; não há exterior, nem interior, pois viajam ao exterior quando mudam o estado de espírito dentro de vocês!

É, portanto, dentro de seu espírito que vocês encontrarão o que é verdadeiro; é por uma mudança do estado de espírito que se efetuará o Grande Retorno.

Vejam vocês, todos os sofrimentos morais como o medo, o ódio, o ciúme, a raiva não são senão o resultado desta ilusão de ser separados e essa ilusão é um estado de espírito; quando vocês estão dentro de seu corpo, seu mundo é muito limitado; quando vocês saem dele, ele se torna sempre mais vasto; um dia vocês verão que nós não somos separados uns dos outros; aqueles que sobrevoaram o oceano devem ter uma noção deste fato; somos ondas e somos oceano ao mesmo tempo; e somos ainda muito mais do que isto...

Então, como haver sentimentos de ódio, de ciúme ou de medo de alguém, se nós não somos diferentes uns dos outros?

Como o Grande Oceano pode odiar e estar com raiva dele mesmo?

No momento em que Manitu falou do Grande Oceano, Ondina se lembrou de suas dúvidas e fez a pergunta:

É verdade que o Grande Oceano é aquele que entre os Ondinos se chama Oceânus?

- Eu esperava por esta pergunta! Oceânus é um nome que as ondas inventaram para designar o autor e o criador do mundo; este mundo que os ondinos imaginam é limitado por aquilo que eles vêem dentro do seu corpo de água; eles imaginam que seu criador é uma espécie de grande ondino, como eles mesmos; sua divindade é feita à sua imagem e se restringe às fronteiras do que vêem. Você sabe agora que eles vêem

muito pouco das coisas e são habituados a distinguir um mundo exterior ao seu corpo e um mundo interior que, aliás, conhecem muito mal; logo, não podem conceber senão uma divindade exterior a eles; uma espécie de grande ondino. Não há exterior e interior, a não ser em nosso espírito...

- E Oceanondino, que se diz o filho de Oceânus e pretendia ser ele mesmo Oceânus, era um louco?
- Seguramente não, Ondina! Este Oceanondino queria dizer, e é isto que afirmou expressamente, que ele era, como nós todos, o Grande Oceano, o Grande Todo; para ele a palavra Oceânus tinha o mesmo sentido que este do qual eu falo aqui; Oceanondino era um Manitu; ele havia feito a experiência do Grande Retorno; ele sabia que a realidade não era aquela que as ondas viam.

Quando ele dizia “Oceânus, meu Pai”, queria dizer que como onda ele fazia parte e era originário do Grande Oceano; dizia também que Oceânus está em cada onda; você compreenderá o que ele queria dizer contemplando, em sua próxima viagem fora de seu corpo de água, o Grande Oceano, de bem longe: você verá então que os ondinos e o oceano não podem estar separados; os ondinos fazem parte do mar e o mar faz parte dos ondinos!

Oceanondino se sacrificou fazendo-se enturbilhonar, para mostrar esta verdade a toda ondinação; ele queria que o sofrimento acabasse, porque sabia que este era fruto da ignorância disto que você entrevê agora como sendo a verdadeira realidade das coisas. Ele o fez por Amor, porque quanto mais nosso espírito alarga, maior se torna nosso Amor e mais nós queremos o bem dos outros.

O Amor que procura unir-nos é o apelo do Grande Retorno ao Grande Oceano.

Ondina estava muito emocionada por estas palavras, sobretudo pelo fato de que ela havia pressentido, depois de muito tempo, o que ele acabava de dizer; descobria pouco a pouco que existe uma sabedoria nela mesma e que ela podia ter plena confiança nisto; há nela mesma um Manitu, um sábio que não pede senão guiá-la, se ela o quiser.

Uma última pergunta lhe queimava à língua e depois de longo tempo:

- E qual é o fim de nossa existência? O que fazemos aqui? Por que estamos aqui?

Um sorriso de satisfação percorreu o rosto de Manitu; visivelmente ele esperava por esta pergunta.

- Nós estamos aqui para dançar em harmonia uns com os outros e para viver a alegria; quanto mais dançarmos em harmonia e mais a alegria nos inundará.

Se saímos desta harmonia, querendo dançar demais, o sofrimento nos alcança implacavelmente. Na realidade, nós somos o Grande Oceano que vive a alegria dentro de cada um de nossos corpos; como ele se esquece, voluntariamente, em nós, o sofrimento está lá para nos lembrar quando dançamos mal...

# **O GRANDE RETORNO**

## A BATALHA DA GRANDE ILUSÃO

A vida, no retiro do penhasco, não era sempre tão cor-de-rosa quanto se poderia imaginar. Havia enormes obstáculos a superar para poder fazer as práticas corretamente e preparar-se para o Grande Retorno.

Após seus primeiros sucessos na corrente de ar mínima, de diminuição do tamanho, Ondina, por exemplo, passou por um período bem grande onde ela não conseguia mais sair de seu corpo. Começou a sentir uma certa saudade de sua vida fora da gruta; pensava em seus amigos, em seus passeios e em vários motivos que não tinham nada a ver com a experiência.

Preocupada, foi consultar Manitu em um momento de depressão; não podia mais ficar isolada e, ao mesmo tempo, sabia que não havia nada a fazer lá fora, onde reinava a desordem e a guerra.

- Ondina, isto é normal; todo mundo passa por isto; são os apegos às idéias que você tem sobre a vida e as ondas; embora já saiba que vocês são mais do que amigos, você está ligada a esta idéia de amizade limitada a alguns ondinos e tem saudade disto; é isto que faz você sofrer; uma ilusão. Isto não quer dizer que você e seus amigos não existem como ondinos; o que eu quero dizer é que está habituada a não ver senão os ondinos e, mesmo assim, apenas alguns ondinos que pode ver em torno de você; esqueceu quem você é. na realidade; de tempos em tempos você se recorda disto e em seguida se esquece...
- É exatamente isto! – exclama Ondina, maravilhada de ser tão bem compreendida. Mas o que posso fazer para isto passar? Os pensamentos me invadem e eu esqueço completamente a experiência...
- Vou dar-lhe um meio muito simples e muito eficaz: quando você mudar de corrente de ar, concentre sua atenção sobre a nova corrente de ar e imagine que se tornou grande, grande, imensa como o espaço do Grande Todo. Tranqüilize seu pensamento; é o Grande Todo que pensa

em seu corpo de água; mesmo Ondina, não é senão um de seus pensamentos...

Ondina refletiu sobre tudo isto que tinha sido dito por Manitu. Ela se pôs a trabalhar e, no meio dos outros companheiros que exercitavam igualmente sem parar, começou esta nova maneira de fazer as coisas.

No fim de certo tempo, os resultados concretos se fizeram sentir. Ela começou a viajar fora de seu corpo de água; e desde a primeira viagem se encontrou em plena batalha entre norte-ondinos e sul-ondinos.

Em seu quartel-general, o General Borrasca, com o auxílio do Comandante Agadoisó, dava suas últimas instruções a uma centena de capitães; estes já tinham formado os círculos de soldados; era suficiente uma ordem para que estas ondas comessem a funcionar provocando enormes turbilhões; não se esperava senão o ataque dos sul-ondinos para por o sinistro sistema em marcha. De seu lado, o General Furacão, mais furioso do que nunca, com a assistência técnica do comandante Ondólogo, dava também suas últimas instruções aos capitães dos batalhões dispostos em pares de filas indianas; os soldados já estavam exercitados a se inclinar alternativamente à direita e à esquerda, para deixar o vento engolfar-se e desarticular o sistema de enturbilhamento da Operação Borrasca. Logo em seguida, as tropas sul-ondinas passariam a invadir o espaço vital formado pelo furacão artificial; tratava-se de suprimir tão simplesmente os norte-ondinos. de os banir da face da água para todo o sempre.

Esperando o vento favorável, Sua Santidade Orátus III celebrava um culto a Oceânus; todos os soldados oceanusistas rezavam pela vitória do Oceanusismo e pediam que Oceânus abençoasse e protegesse o General Furacão.

Pena de Ganso era agora repórter de guerra; mas tudo que ela enviava à “Gazeta Ondina” era censurado pelo serviço de imprensa do General Furacão. As notícias que recebia da zona civil, aliás, não eram nada reconfortantes: o tamanho de todos os ondinos aumentava com a chegada da tempestade; e como no exército, as pessoas tornavam-se mais egoístas, orgulhosas e hostis; alguns começaram mesmo a atacar gratuitamente os passantes em plena via pública; a polícia ondina não chegava mais para controlar a situação, até mesmo os policiais se atacavam

uns aos outros com enmarmento mútuo; eles eram os primeiros a tornar-se agressivos, em razão da natureza combativa de sua profissão.

Ondina sobrevoava comodamente, não importando em qual direção, e se deslocava com uma rapidez fulminante; podia até descer e estacionar onde bem entendesse; via tudo, sem ser vista; descobriu isto sozinha quando quis dirigir-se a Agadoisó para se oferecer a dar notícias aos amigos sul-ondinos: além de Agadoisó não lhe responder, ainda passou através de seu corpo; foi então que ela se deu conta de que estava totalmente invisível; podia ver, escutar e sentir sem ser percebida pelos ondinos; podia atravessar os seus corpos ou ser atravessada por eles, sem que se dessem conta!

No princípio, foi uma surpresa, mas ela se acostumou bem depressa; agora isto a divertia; ela não podia deixar de divertir-se ao passar pelo corpo do General Borrasca agora que ele não percebia nada. Isto dava a Ondina um sentimento vertiginoso de poder mágico. Mas um dia Manitu disse qualquer coisa que a chamou à ordem:

- É necessária muita atenção neste período no qual vocês começam a manifestar poderes sobrenaturais, como o de sair de seus corpos de água; vocês podem se prender a este novo prazer; como eu já lhes disse. todo o apego impede a evolução em direção ao Grande Retorno; se vocês começam a divertir-se com isto, ou empregar isto em seus próprios interesses, após suas mortes vocês continuarão a errar em seus corpos mentais, submissos aos caprichos de seus desejos. O orgulho vai apoderar-se de vocês e dominá-los. É isto que se chama mágica. Muitos mágicos têm uma vida muito triste após sua morte.
- Uma vida após a morte? – perguntou Semáforo, muito espantado.
- Certamente, respondeu Manitu, a morte não existe, nós vamos prová-lo, graças aos próximos exercícios; nós vamos agora mesmo passar na zona de corrente de ar menor; nosso tamanho vai diminuir ainda mais; vocês vão começar então a ter percepções muito diferentes durante suas "viagens" fora do corpo de água.

Ondina disse a Semáforo que ele não tinha nada do que se admirar; para ela, o simples fato de sair de seu corpo aquático e de ir viajar, não importa onde, já era prova suficiente da continuação da vida após a morte.

— Mas então, se não existe morte, ninguém vai morrer nesta guerra! – exclamou Semáforo entusiasmado.

— Ah! Mas é verdade o que você diz aí; você me pegou na bucha! Eu não tinha pensado nisto!

Realmente, tudo isto era de tal maneira novo que era necessário tempo para mudar todos os pontos de vista arraigados pêlos velhos hábitos.

Sob a direção de Grande Orelha, todo mundo aprendeu a passar da corrente de ar média para a corrente de ar mínima.

Nesta última corrente de ar, Ondina não era mais uma grande onda, ela transformou-se de novo numa bem pequena, tal qual era no princípio desta história; quando nós dizemos ela, nós queremos dizer seu corpo de água, bem entendido; porque seu corpo mental se desligou imediatamente de seu corpo aquático. Uma primeira surpresa a esperava: ela percebeu seu próprio corpo de água de longe, e ao mesmo tempo uma luminosidade azul emanava de seu corpo mental; ao sair, ela passou perto de muitos outros corpos semelhantes ao seu, transparentes e luminosos.

Como não estava habituada, entrou depressa em seu corpo aquático e fez a pergunta a Manitu:

— O que foi que eu vi?

— É o seu próprio corpo mental e os das outras ondas – respondeu Manitu.

— Aqueles ondinos estavam vivos ou mortos? – perguntou Ondina.

— Lembre-se de que a morte não existe da maneira que os ondinos a concebem. Logo, a pergunta deveria ser feita de outra maneira: eles ainda têm um corpo físico ou não? Eis como deve ver as coisas.

Pois bem, pouco a pouco, à medida que você reencontrar seu sexto sentido, que é a via direta do espírito, verá a diferença.

Vamos agora e eu vou mostrar-lhe.

Manitu e Ondina entraram juntos na última corrente de ar. Imediatamente seu corpo de água tornou-se uma pequena onda e Ondina, em seu corpo mental translúcido, viu, com os olhos de seu espírito, o corpo translúcido de Manitu; reconheceu-o imediatamente; por intuição direta, ela sabia que era Manitu.

- Sim, sou eu; neste estado comunica-se diretamente pelo pensamento; é uma relação telepática; mais algum tempo e você não terá mais necessidade de mim. Uma Sabedoria natural lhe dará, diretamente, todas as informações necessárias. Você, aliás, já experimentou esta sabedoria; você poderá ter confiança nela totalmente; é a Sabedoria do Grande Todo que retorna em nós e substitui nosso pensamento individualista...

E agora olhe este filamento luminoso que me liga a meu corpo aquático; é isto que permite “ver” que eu sou ainda um ondino com um corpo de água. Olhe bem e você verá o seu.

Efetivamente, um filamento análogo ligava seu corpo mental a seu corpo de água.

- E agora venha comigo, saiamos do penhasco; a batalha acaba de começar; você vai ver que não há motivo de se assustar porque ninguém vai “morrer”; isto que nós chamamos de morte, não passa de uma passagem, de uma transformação provisória; provisória, porque no mundo tudo é transitório; nada se perde, nada se cria, tudo se transforma, sem cessar; veremos mais tarde que tudo isto faz parte da Alegria do Grande Todo. Olhe agora em torno de você e observe bem o que se passa.

Efetivamente, à medida que eles se aproximavam do lugar da batalha, corpos mentais desfilavam perto deles; eles tinham um ar adormecido e flutuavam como se fossem transportados. Percebeu, pouco a pouco, que não tinham nenhum filamento que os ligasse a seu corpo de água; concluiu que estavam definitivamente separados dele; em termos ondinos, estavam mortos; em termos de Manitu, estavam se transformando.

- Sim, diz Manitu, lendo telepaticamente o pensamento de Ondina; são os primeiros soldados que chegam da frente de batalha; é como se eles

dormissem profundamente; não sabem ainda que estão desligados de seu corpo aquático.

- E o que vai acontecer-lhes? – perguntou Ondina muito intrigada.
- Tudo depende dos estados de espírito pelos quais eles passaram durante sua vida e sobretudo de seu estado de humor no momento de ser desligado; eu não digo morrer, porque este não é o sentido para nós, não é?

Ondina estava inteiramente de acordo.

Os corpos mentais de todos os discípulos de Manitu tinham chegado; ele os havia chamado com seu espírito para que aproveitassem desta lição muito importante.

- Seu corpo mental, como o nosso, está ainda cercado e conduzido pelo de água em seu estado invisível a olho nu; é uma parte de nosso corpo aquático transformado em vapor; o vapor, salvo em certas condições nas quais nós nos encontramos, é invisível para o comum dos ondinos. Trata-se de uma espécie de envoltório de espera.

Quando despertarem, verão uma luminosidade muito intensa e muito forte; se não estiverem mais apegados a nada e não rejeitarem nada de sua vida passada, se não têm mais nem possessividade, nem ciúme, nem raiva, nem ódio, se estão cheios de Amor e de alegria pura no momento de sua separação do corpo de água, serão atraídos por esta luminosidade e efetuarão o Grande Retorno.

Se estão cegos pela raiva e pelo ódio, continuarão a se bater contra inimigos imaginários, como loucos, no meio de chamas ou de gelo também imaginários; viverão longo tempo como alucinados, em um sofrimento insustentável; é como um inferno que na realidade não existe senão no espírito deles e no espírito de todos aqueles que lutam num espaço igualmente imaginário; é como um pesadelo que eles mesmos criaram durante sua existência como ondinos.

Se são muito presos aos seus desejos, continuam a eles algemados, sem poder, no entanto, satisfazê-los no plano material; se, por exemplo, são apegados às gotas de ouro, serão atraídos para um lugar imaginário onde se encontram inúmeros outros seres insatisfeitos e onde há gotas de ouro imaginárias; embora esgotados

pela procura, continuam a persegui-las; cada vez que pensam ter encontrado alguma, ela desaparece no momento em que pensavam possuí-la.

Aqueles que são invejosos e ciumentos passam seu tempo a correr atrás daqueles que têm sucesso, para os destruir, mas lá também eles não chegam a realizar o seu intento porque tudo é imaginário.

Se ajudaram os outros e encontraram a paz neles mesmos, mas se são apegados a esta paz, serão atraídos a um lugar imaginário cheio de doce música e de danças alegres; mas um dia isto terminará e eles serão terrivelmente decepcionados porque vivem na ilusão de que este estado é eterno. Mas no fundo eles sabem que isto terá um fim...

Eu lhes dou estes exemplos para fazê-los ver mais ou menos o que se passa após o desligamento do corpo aquático; há ainda muitas outras alternativas, mas, todas, fazem parte de um mundo imaginário, como o mundo dos ondinos, pelo menos daqueles que jamais realizaram o Grande Retorno, quer dizer, que esqueceram completamente que não são separados do Grande Todo.

Agora vamos ver o que se passa no campo de batalha.

O espetáculo que se oferece ao grupo de Manitu sobrevoando a uma altitude bem grande era o de uma destruição total e extremamente rápida dos corpos de água de todas as ondas engajadas na luta e uma contaminação progressiva da população civil.

Os dois professores comandantes Agadoisó e Ondólogo tinham cometido erros de prognóstico, porque eles não tinham senão uma visão parcial e um conhecimento limitado das forças enormes que haviam posto em movimento. O resultado é que os soldados norte-ondinos que faziam parte das rodas de propulsão de enormes turbilhões tinham sido literalmente engolfados por estes; na verdade, eles estavam muito fracos para resistir à força de atração dos turbilhões.

Quanto ao resto dos norte-ondinos, eles foram, ou absorvidos pelos turbilhões que não paravam de crescer e de se multiplicar, ou, pior ainda, seu corpo aquático foi absorvido por uma enorme tromba d'água provocada pelas manobras da "Operação Furacão"; à medida que o vento se engolfava no canal artificial criado pelas filas duplas de soldados sul-ondinos, formou-se esta imensa coluna feita em

grande parte pelos corpos de água dos soldados que, paradoxalmente, haviam contribuído para formá-la.

O vento mudou de direção e a tromba d'água voltou ao seu caminho, varrendo à sua passagem todo o resto dos corpos aquáticos dos sul-ondinos. Não restou nenhum ondino, nem do Norte, nem do Sul...

Oh! perdão! Eu me havia esquecido, como autor desta história, de que os ondinos não são somente seu corpo de água!... Com efeito, Manitu e seus discípulos, que viam a cena do alto, tinham uma perspectiva bem diferente da situação; não havia, na realidade, nada de muito trágico; bem ao contrário, milhões de corpos mentais luminosos subiam como balões e cintilavam no espaço: eles estavam ainda todos adormecidos.

- Olhe! – exclamou Ondina mostrando a Semáforo alguns dos corpos que passavam ao lado deles. – Olhe! Pena de Ganso! E Conta-Gotas! Brilhantina está ainda perto dele! E lá embaixo, olhe! É o General Borrasca; o que ele faz ao lado do Furacão? E Agadoisó e Ondólogo e Páxus! Ah! Eis Orátus e Dixite e lá embaixo Risco Júnior!
- Manitu, em o quê cada um deles vai transformar-se?
- Pois bem, retomemos aos nossos corpos aquáticos dentro do penhasco! A resposta à sua pergunta vem mais tarde! É preciso dar-lhes tempo de acordar! E depois há ainda certas coisas a aprender para compreender melhor o que vai se passar e nos preparar para a Experiência do Grande Retorno.

## **O GRANDE RETORNO**

Depois do retorno aos corpos, Manitu chamou todo mundo para dar uma lição muito importante.

- Meus amigos – disse ele terminamos uma etapa importante no caminho do Grande Retorno. Vocês todos sabem agora que a morte não existe: quando dizemos que morremos, isto quer dizer que deixamos nosso

corpo de água; o que sai é exatamente o que vocês experimentaram nestes últimos tempos; é um outro corpo constituído pela energia de nosso pensamento, de nossos sentimentos e emoções e da força da vida.

É isto que explica que continuamos a ser tal qual nós éramos como ondinos. Como eu já lhes disse, se nós formos cheios de emoções destrutivas, nós as levamos conosco como uma sombra segue o corpo; na ausência de nosso corpo aquático, estas emoções tornam-se mais violentas. Se, ao contrário, tivermos uma vida harmoniosa e cheia de amor, de alegria e de bondade, poderemos efetuar imediatamente o Grande Retorno.

— Mas por que o sofrimento?

— As ondas sofrem quando saem da Lei de Harmonia traçada pelo Grande Todo.

O Grande Oceano, o Grande Todo, é feito de Alegria pura, imensa e inimaginável por quem nunca a sentiu. Ele exprime sua alegria em todo o Universo, de diversas maneiras, segundo o lugar onde se encontra, porque se encontra por toda parte ao mesmo tempo; logo, encontra-se em cada um de nós; nós somos ele e ele é nós; vocês se lembram de quando sobrevoamos o campo de batalha? Poder-se-ia distinguir as ondas da água, as ondas do oceano? Lá do alto, ondas e oceano não são dois e são inseparáveis; não é senão em nossa linguagem e em nosso espírito que esta separação foi criada, por razões práticas de nossa vida cotidiana!

E eu lhes pergunto: Será que esta guerra não é o resultado desta ilusão? Visto lá de cima não é uma loucura ver um ondino atacar outro?

Este sofrimento vem justamente porque acreditamos que um ondino está separado dos outros ondinos, que cada um é diferente; se um ondino nos dá prazer, queremos tê-lo, possuí-lo, guardá-lo; se ele der o prazer a algum outro, nós nos tornamos ciumentos; é como as gotas de ouro: porque nós percebemos as gotas de ouro separadas de nós, temos medo de perdê-las, porque pensamos possuí-las; o medo de perder alguma coisa ou alguém é também sofrimento.

E eu lhes pergunto de novo: Visto do alto, tem algum sentido colecionar gotas de ouro?

O sofrimento vem quando saímos da harmonia do Bale do Grande Arrepio de Alegria. Visto lá do alto, somos um imenso arrepio que exprime a Alegria do Grande Todo. Para ter mais alegria, ele provoca periodicamente este Grande Arrepio; então, as ondas que fazem parte dele começam a dançar um Bale, o Bale de sua Alegria; ele decide sentir e pensar separadamente em cada onda; assim ele pode ver-se a si mesmo; estas ondas são nós mesmos que nos chamamos de ondinos; somos feitos para gozar a vida do Grande Todo; quando estamos alegres, é o Grande Todo que está alegre; e nós experimentamos esta alegria quando dançamos harmoniosamente, ficando juntos e amando uns aos outros; se nós nos apegarmos muito e invadirmos o outro, o equilíbrio da dança é ameaçado; nos tornamos ciumentos e ansiosos; e se nos aproximarmos muito, há o enmarmento; se nos distanciarmos muito dos outros, ameaçamos igualmente a harmonia do Bale, sobretudo quando vem o ódio ou a raiva; se nós nos atacamos uns aos outros, desaparecemos por enmarmento; se nós nos afastamos, somos enturbilhados. Somos livres até um certo ponto só.

Em suma, ser um ondino é apenas o Grande Todo que limitou sua liberdade em cada um de nossos corpos aquáticos e que vive sua alegria milhões de vezes. O sofrimento não é senão um lembrete, um sinal de alarme, feito para que, no lugar ou no corpo de ondino onde se manifesta, volte a harmonia rompida pelo abuso desta liberdade; assim o bale continua a fazer sua Alegria.

- Então, por que existimos? Que fazemos aqui? – esta pergunta feita por Ondina a atormentava ainda, apesar de já ter recebido explicação de Manitu.
- Nós estamos aqui para viver a alegria; essa alegria, como acabei de dizer-lhe, não é separada da Alegria do Grande Todo; quando efetuarmos o Grande Retorno, será bem evidente, existe uma só Alegria, pois as ondas e o mar não são dois. Também enquanto nós nos percebemos como ondinos separados uns dos outros, a alegria também é dividida, e pensamos que é nossa.

Estamos aqui para dançar e desfrutar da alegria da harmonia do Universo.

- Mas, no final de contas, quem é este Grande Todo? Foi o Grande Oceano que nós vimos do alto; ou é maior do que o Oceano? Você disse

que ele não é como uma grande onda; então, como é ele, se não se parece conosco?

O Grande Todo é diferente de nós porque seu corpo é tudo que existe no espaço; é também o espaço; aliás, nada do que existe é permanente; tudo muda, tudo se transforma, como eu já disse; o Grande Todo está sempre em movimento; e por toda parte ele é sempre o mesmo; é como nossa dança sobre o Grande Oceano; ela muda todo o tempo e contudo o Oceano não muda.

Quando falo do Grande Oceano é somente para facilitar a compreensão; nós somos feitos, quanto a nosso corpo, de água salgada; ora, o oceano também é feito da mesma água salgada; isto nos permite enxergar a verdade a respeito do conjunto que formamos; mas o próprio Grande Oceano faz parte de um enorme globo feito de terra, no fundo do qual situam-se muitos grandes Oceanos; e este globo não é senão uma estrela, cercada de milhares de estrelas; e tudo isto forma um universo; há muitos universos que são feitos todos eles para exprimir, de uma maneira ou de outra, a Alegria do Grande Todo; estes universos aparecem, crescem e desaparecem, como o movimento de uma ondina ou de um ondino que dançam o Balé do Grande Arrepio de Alegria; são apenas outras espécies de balés.

E todo este mundo de terra, de água, de vento e de luz, é feito de energia, de uma só energia que se transforma todo o tempo e surge da vacuidade do espaço para retornar ao mesmo vazio. Nesse espaço nasce também a energia sob a forma da que nós chamamos nossos pensamentos e nossa vida mental, que não é senão a expressão individual do pensamento do Grande Todo; quando nós pensamos é o Grande Todo que pensa dentro de nosso corpo, ou através do corpo de outros seres como os dos humanos e dos animais.

O Grande Todo é tudo isto; ele é feito de espírito, de vida e de matéria; expressando melhor, ele é o espírito que vive sua alegria pela expressão do movimento de seu corpo material feito de energia, em constante transformação; todos os corpos vivos são ele mesmo que se manifesta para viver sua Alegria em cada um deles; quando esses corpos se dissolvem, ele retorna a si mesmo. E o que chamamos de Grande Retorno.

Mas não são todas as partes dele mesmo que retornam; somente aquelas que viveram completamente a harmonia ou aprenderam, de verdade, a viver; estas

estão prontas para o Grande Retorno; as outras são obrigadas a dissolver primeiro os pensamentos que ainda as cegam; é o caso de numerosos ondinos nesta guerra que agora está terminada.

Esta guerra não é senão o fim do Balé do Grande Arrepio de Alegria; é o vento da tempestade, decidido pelo Grande Todo para que sua alegria chegue ao máximo, que aumentou o tamanho dos Ondinos.

Do ponto de vista dos ondinos, é o egoísmo que aumenta, o que leva à guerra; do ponto de vista do Grande Todo, a guerra é o fim do Balé.

E no final de cada Balé, destinos diferentes são cumpridos, segundo cada onda. Porque cada onda, como já disse, tem por papel ser o Grande Todo limitado em um corpo; essa limitação se faz progressivamente, à medida que a brisa se transforma em vento e que o Balé começa a manifestar-se.

Então, lentamente, em cada corpo de água que se forma, o Grande Todo transforma-se em uma onda e acredita nisto, esquecendo quem ele é na realidade.

No retorno, no final do Balé, ele deixa cada corpo de água criado por ele mesmo e, lentamente, como ondino, começa a despertar desta espécie de sonho; uma parte das ondas, as que viveram sua alegria de maneira muito harmoniosa, acorda mais depressa e faz o Grande Retorno imediatamente após ter saído do estado de torpor no qual eles se encontravam após terem sido desligados de seu corpo; eles revêem o Grande Todo quase instantaneamente. Aqueles que se deixaram levar pela embriaguez de sentir-se importantes, de se apegar a outras ondas, ou às gotas de ouro ou que se tornaram muito hostis uns contra os outros, deverão continuar em seus corpos mentais, até que descubram que tudo isto não passou de um sonho; enquanto esperam isto, eles se vêem confinados em ambientes especiais de acordo com o estado de humor, como já falei. Algumas dentre elas tornar-se-ão ondinos novamente, para tentar fazer o Grande Retorno no próximo Balé. Ser uma onda é, portanto, um privilégio; podemos aproveitar desta situação para tornar-se o Grande Todo. E exatamente para isto que estamos aqui. Nossa missão é muito especial: somos feitos para voltar a cada Balé e garantir o retorno do maior número de seres possível ao Grande Todo; quer dizer, nós somos um campo do Grande Todo que tem o encargo de despertar as outras partes ou os outros seres e de lhes lembrar quem eles são em última realidade.

É isto que vamos aprender a fazer; como Manitu, eu sou eu mesmo, encarregado de “despertar” os ondinos quando eles ainda estão em seus corpos de água para que eles também se tornem Manitus e possuam o poder de sair em seu corpo mental e “despertar” todos os seres que estão perdidos em suas ilusões e seus conflitos e que crêem que sofrem porque foram persuadidos de que são separados uns dos outros e esqueceram que são o Grande Todo.

E para isto precisamos de muito amor para nos ajudar uns aos outros a reencontrar a verdadeira Alegria que nos reúne ao Grande Todo. Querer a alegria dos outros nos evita a inveja e o ciúme.

É graças a este Amor que se manifestou também uma grande compaixão por todos os seres que sofrem as conseqüências desta ilusão de ser separados. Todos estes sentimentos nascem e se desenvolvem à medida que cada um se lembra do Grande Retorno.

Não percamos, pois, mais tempo. Precisamos agora aprender ou reaprender, no caso daqueles que já o fizeram num outro passado ondino, a passar de uma corrente de ar média para a zona sem corrente de ar; precisamos também saber como voltar.

Não é senão por esta experiência direta que se pode compreender de verdade o que é o Grande Todo.

Sentia-se que o momento era extremamente solene e que se chegara, agora, ao ponto mais importante do retiro.

Manitu e Grande Orelha aproximaram-se da zona de corrente de ar média; convidaram todo mundo a acompanhá-los. Astrólogo estava tão transtornado pela perspectiva de poder, enfim, efetuar o Grande Retorno, que se havia esquecido de olhar para o alto, o que, aliás, na gruta, não fazia sentido; mas é que ele olhava com o sexto sentido... Ele não pôde impedir-se de exprimir seu contentamento em voz alta:

— Eu o havia predito! Estava escrito nos astros; estamos na hora de Netuno... Eu o sabia!

Respinguinha brilhava mais do que nunca e emitia mais gotas de ouro como jamais havia feito em toda sua vida; ela as distribuía a todo mundo, com o acordo de Manitu que as recomendava como excelente suplemento de vibrações positivas, em

vista da operação que ia ser efetuada; ela estava no auge da bondade; enfim, seu sonho tinha se realizado!

Os pares como Ondina e Semáforo ou Lunático e Onda Louca apertavam-se o mais possível; eles queriam fazer a travessia juntos! E verdade que Manitu havia explicado que cada um devia e só podia fazer a sua sozinho.

Grande Orelha recordou as instruções para ir e voltar da zona de correntes de ar médias; somente depois que voltava destas é que se passava para a corrente de ar fraca; do estado de espírito da corrente de ar fraca, passava-se diretamente, sob a direção de Manitu, para a zona de corrente de ar nula.

E eis como as coisas se passaram. Como se trata de uma operação individual, eu lhes proponho, como fizemos até o presente, acompanhar Ondina.

Ela entrou na corrente de ar média, imediatamente após o sinal ter sido dado por Manitu; já estava de tal maneira habituada com isto que para ela se tratava de uma segunda natureza.

Reencontrou-se, como projetada, fora da gruta do penhasco, justamente em cima do campo de batalha. Primeira surpresa: não havia nada mais do que a água brilhante, sem nenhuma onda, nem ondino; a tempestade terminara. O céu estava de um azul muito puro e o sol se refletia no oceano como para testemunhar que tudo estava tranqüilo; como se não houvesse se passado nada!... Ela percorreu rapidamente as zonas de população ondina civis: o mesmo espetáculo, a mesma calma repousante que a contagiava.

No que haviam se tomado os corpos mentais de todos seus amigos e conhecidos?

Ondina decidiu retomar a seu corpo de água; Grande Orelha já havia voltado e a autorizara a passar para a corrente de ar fraca, onde ela podia entrar no estado de espírito mais sutil de seu corpo mental, e de onde ela poderia perceber os corpos mentais de todos os ondinos.

Manitu a esperava; ela era a última; todo mundo já estava lá, pois a curiosidade era geral; queria-se saber qual era o destino de todos aqueles que se haviam visto a flutuar no espaço, adormecidos como bebezinhos acabados de nascer.

E o que eles viram a partir deste momento foi absolutamente incrível!

Manitu os levou primeiro a um lugar cheio de luz e de cores de onde emanava uma música doce e constante; uma multidão de seres dançava ao som dessa música tocada por uma orquestra paradisíaca; todo mundo estava feliz e relaxado; incensos perfumados reforçavam este ambiente de beleza e bem-estar.

Lá se encontrava Páxus. Ele vivia agora, intensamente, a paz e a felicidade que havia tentado, em vão, estabelecer entre os ondinos.

- E isto o Grande Retomo? – perguntou Musinha já prestes a redigir versos sobre a beleza do espetáculo que se apresentava a seus olhos; ela não podia ver nada de interessante sem fazer um poema!

Manitu respondeu categoricamente que não.

- Como eu já lhes disse, todos estes lugares são o produto do pensamento dos que o vivem; esse pensamento tem a propriedade de criar formas e de acreditar nessas formas, como em um sonho; é uma espécie de sonho que Páxus e todos os outros vivem.
- Mas como se faz para que todos vejam a mesma coisa, como, aliás, nós também?
- Isto quer dizer, simplesmente, que, dentro de nosso corpo mental, estamos sujeitos às mesmas ilusões; quando estamos dentro de nosso corpo aquático, é o nosso corpo mental que pensa que nós estamos separados uns dos outros, que há desejos de paz e de felicidade e que odiamos tudo que nos causa sofrimento. Quando nosso desejo de paz é grande e chegamos a um certo estado de tranqüilidade interior, queremos também que esse estado se prolongue; nós nos prendemos a ele; então, quando saímos definitivamente de nosso corpo de água, somos atraídos ao lugar que corresponde a este sentimento de paz. É o que aconteceu a Páxus: ele continua a viver a paz que queria ter e vivia de tempos em tempos como ondino. Mas, na realidade, continua a crer-se um ondino separado dos outros; gozava da paz de uma maneira egoísta; é verdade que, de tempos em tempos, trabalhava para a paz dos outros; mas continuava a crer que havia “outros”; esta ignorância continua aqui. É também o caso de Orátus. Olhe-o. Continua a endereçar

preces a Oceânus porque continua a se acreditar separado da divindade. Há também Dixite, o velho instrutor; continua a dar lições, com todo o amor que sentia por seus alunos ondinos. Os que tinham ciúme uns dos outros continuam a lutar num ambiente de hostilidade; eles se enviam argumentos ou flechas imaginárias conforme o caso. Olhem! Diante deles um espetáculo tragicômico: Ondólogos sobre uma espécie de grande tribuna injuriava Agadoisó sobre uma outra tribuna:

- Espécie de imbecil: você viu o que fez com a teoria cretina da composição da água? Onde está ela agora, sua água? Bem feito para você, cretino!

Em todos os cantos havia seres que lutavam ou enviavam flechas imaginárias que passavam através dos corpos, provocando picadas também imaginárias.

Manitu e seus discípulos se dirigiram então a um outro lugar cheio de fogo; lá reinava um calor insuportável: um cheiro de enxofre misturado ao de carne queimada; um ambiente de ódio pairava ali todo o tempo.

Nenhuma surpresa pois em ver ali Furacão e Borrasca, todos dois arrancando-se mutuamente os cabelos e se atracando até sangrar; em volta deles, todos os soldados que haviam deixado seus corpos no momento da mais feroz das raivas, tinham trazido sua raiva para cá e continuam a matar-se; eles passam o tempo todo a magoar uns aos outros e a provocar turbilhões imaginários.

- Vocês vêem, diz Manitu, eis a prova de que se continua a viver tudo o que nós acumulamos de positivo ou de negativo em nosso corpo mental; como este continua a viver após ter deixado seu corpo de água, ele leva consigo todas as causas de sofrimento que colecionou em sua vida passada.

Assim, os que foram dominados por seus desejos, instalam-se em um espaço onde vivem os suplícios de Tântalo; eles não são nunca saciados; têm barrigas grandes e bocas pequenas. Olhem!

Ondina reconheceu imediatamente, no meio de tantos entes deformados pelo desejo, nosso amigo Conta-Gotas; ele tinha um ar desesperado; procurava gotas de ouro em todos os cantos e não as encontrava; então as imaginava e as

contava numa alucinação sem fim. Outros seres afamados procuravam bom-bons e gulodices imaginárias, cada um de acordo com seus gostos preferidos; eles não estavam nunca satisfeitos. Um verdadeiro pesadelo.

Manitu os levou então a um reino ainda mais estranho para os ondinos: o dos seres de quatro patas, ou com asas, ou répteis; Manitu explicou ao grupo o que eram os animais:

- Estes são os seres que vivem sob o domínio do medo e do terror; estão sempre em estado de alerta, arriscando constantemente sua vida; é isto que explica que Risco e seu filho e todos aqueles que o imitaram estejam aqui. Vocês os reconhecem? Procurem e vocês os encontrarão!

Ondina passou mal de verdade ao reconhecer Risco Júnior com a aparência de macaco, sem dúvida porque ele tinha imitado seu pai sem pensar no que fazia; quanto a Risco, o pai, vivia agora como tubarão, sulcando as águas do oceano como fazia outrora quando era um ondino.

Ondina começou a ficar preocupada; onde estava então Brilhantina? Ela não a havia visto ao lado de Conta-Gotas; a resposta não tardou avir. Fez a mesma pergunta a respeito de Pesquisador.

Os reinos precedentes, a saber, o do prazer puro, o do ciúme, o do ódio e o do desejo insaciável, encontram-se em espaços mentais somente visíveis a partir de um corpo mental desligado do corpo físico. Pelo contrário, o reino dos animais, que se encontra no ar, sobre a terra e nas águas, é percebido pelos sentidos físicos, como a vista ou a audição, e também pelo corpo mental. É isto que explicou Manitu:

- O último reino se encontra somente sobre a terra; vamos lá.

Ondina, que já havia esquecido sua última viagem, não acreditava em seus olhos; então, os animais da terra andavam todos de quatro patas, salvo, talvez, o macaco, ou os répteis; ela via, porém, animais que andavam em duas patas apenas; eles andavam por muitos caminhos negros, entre espécies de cubos e enormes paralelepípedos com um grande número de buracos quadrados ou retangulares; de tempos em tempos, um desses seres olhava por um desses buracos. Eles andavam, todos se cruzando, sem dizer nada, como se sonhassem; de vez em quando eles riam; de outras vezes havia alguns que brigavam, um estava deitado por terra, ferido

por um outro que fugia; havia também os que se acariciavam e se abraçavam, sem haver enmarmento; estavam todos cobertos de coisas estranhas e coloridas.

Olhe! Veja Brilhantina desfilando sobre um carro de quatro rodas; muitos seres de duas patas a acompanham, batendo com as mãos e gritando:

— Viva a Misse!

Antes que Ondina fizesse uma pergunta sobre o que se passava, Manitu tomou a dianteira:

— Nós nos encontramos aqui no reino dos humanos. Sua característica principal é o orgulho; desde a mais tenra infância, os pais comparam as crianças entre elas e distribuem elogios àqueles que fazem aquilo que se deve fazer; na escola eles estimulam o orgulho dando notas, medalhas, prêmios àqueles que trabalham bem; em seguida vão trabalhar em usinas e fábricas onde lhes dão então salários mais elevados, prêmios e distinções se produzem bem; no exército, dá-se medalhas e patentes, o que estimula também o orgulho; isto os toma muito invejosos e ciumentos uns dos outros; passam o tempo a lutar entre si, para saber ao certo quem é o mais forte ou o mais bonito; vejam Brilhantina que acabou de ser eleita Misse Beleza; continua a ser tão orgulhosa como era como ondina; é para isto que está aqui; ela vai aprender, pouco a pouco, que o orgulho não leva senão ao sofrimento; um dia ou outro, quando envelhecer e perder seus atrativos físicos, ninguém a olhará; ela será então muito infeliz e chegará à conclusão, eu espero, de que só o amor por todos os seres nos levará ao caminho da alegria pura sem sofrimento; neste momento, ela estará pronta para O Grande Retorno.

Olhem! Vejam Pesquisador, o aluno preferido de Dixite. Ele agora é professor entre os humanos porque seu grande sonho quando era um ondino era ensinar e saber mais do que os outros; isto ainda é orgulho; é verdade que possui também uma característica bem humana: a curiosidade que alimenta o conhecimento; ele também chegará um dia à conclusão de que o orgulho de saber mais do que os outros não leva a nada; preferirá cada vez mais cultivar a alegria de aprender e de transmitir o que aprendeu sem nada esperar em troca; isto ele já

sente; é por causa disto que está mais perto do Grande Retorno do que muitas pessoas.

Uma pergunta vem ao espírito de Ondina:

– É verdade que os Humanos podem ter a experiência do Grande Retomo?

Manitu respondeu com certa alegria:

— Certamente! É um verdadeiro privilégio estar dentro de um corpo físico humano porque é o melhor trampolim que eles têm para efetuar o Grande Retomo, bem antes de morrer. Um grande número de humanos o tem experimentado, no passado e no presente, quaisquer que sejam suas crenças ou opiniões; algumas vezes isto vem sozinho, porque a pessoa está pronta. Outras vezes é necessário que se prepare cultivando em si mesmo o que só os ondinos e os humanos podem desenvolver, ou melhor, reencontrar neles mesmos a Alegria, o Amor, a Compaixão e o tratamento igual para todos; eles também são vítimas da ilusão de estarem separados uns dos outros e esqueceram que não fazem dois com o Grande Todo. Não há grande diferença entre os humanos e os ondinos. A grande diferença para chegar ao Grande Retomo é que os humanos não têm necessidade de trocar de corrente de ar; o ar que respiram lhes dá todas as forças necessárias; em vez de diminuir, eles colocam seu corpo em repouso absoluto e em seguida entram neles mesmos para responder à pergunta: “Quem sou eu?” Se eles fazem isto todos os dias, chegam com o tempo a ter uma verdadeira experiência da resposta: ela se encontra em cada um deles! Chamam a isto de meditação.

Subiram de novo e eis que encontraram uma porção de nuvens com formas de seres; e oh! surpresa. Pena de Ganso sob a forma de nuvem! O que fazia ela lá? Continuava a fazer reportagens, como se estivesse ainda em seu corpo de água; tinha um ar de surpresa e inquieto.

— Todas estas nuvens são ondinos que não encontraram ainda seu destino  
– explicou Manitu que acabava de ler o pensamento de Ondina e lhe respondia diretamente por telepatia, como todas as comunicações entre pessoas que se encontram em seu corpo mental: – Olhem Pena de

Ganso; ela não sabe ainda o que lhe aconteceu durante a guerra e procura os combatentes para fazer sua reportagem. Eu vou agora fazer-lhe ver o que vocês todos já constataram a partir de seu corpo mental.

Num piscar de olhos, Manitu se encontrou ao lado de Pena de Ganso. Ele tocou-lhe a fronte, o que produziu uma ligeira agitação; Pena de Ganso olhou ao redor como se estivesse despertando de um longo sonho.

— Fique tranqüila – diz Manitu.

— Mas, quem é você? – perguntou Pena de Ganso com ar surpreso e um tanto inquieta.

Manitu se apresentou:

— Eu sou Manitu, da gruta do Penhasco.

— Ah! Eu já ouvi muito falar de você; queria mesmo fazer uma reportagem sobre você, mas não sabia como fazer para entrar no Penhasco. Mas onde estou eu, então?

— A batalha terminou; todos os ondinos, menos nós, continuam sua existência sobre outros planos; estamos todos em nosso corpo mental; estamos agora em um pequeno corpo de água muito sutil chamado vapor, que os ondinos não conhecem porque é invisível; o seu vapor é um pouco mais denso; você está agora, e provisoriamente, em uma nuvem; olhe lá embaixo...

Em pouco tempo, Pena de Ganso se deu conta de como a guerra da qual havia participado como observadora imparcial, mas triste, porque ela amava todo mundo, era simplesmente absurda. Ela via que o oceano formava um conjunto do qual não se podia separar os ondinos.

Levantou então os olhos e viu Manitu e seus discípulos. Percorrendo o grupo, viu logo Musinha, sua velha colaboradora da “Gazeta Ondina”; contemplando todos, ela se sentiu como entre eles; havia lá qualquer coisa de familiar. E agora que começa a lembrar-se: ela já havia vivido tudo isto em outras existências; já conhecia lá a qualidade desses corpos mentais; olhou Manitu com um ar entendido. Já sabia o que se tinha passado. Ela estava pronta para o Grande Retorno; sabia que Manitu

viera para ajudá-la a efetuar a passagem; todas as outras nuvens estavam também preparadas e esperavam apenas um sinal da parte de Manitu.

Foi então que aconteceu uma coisa maravilhosa!

Manitu levantou seus braços fazendo uma encantação. Imediatamente Pena de Ganso e todos os outros flocos de nuvens se dissolveram em um movimento de expansão até formar uma névoa diáfana; e pouco a pouco, esplêndidas cores transformaram sua transparente brancura em um imenso Arco-Íris; este conjunto composto de todas as tonalidades de violeta, azul, verde, amarelo, alaranjado e vermelho era uma nova forma de expressão da Alegria do Grande Todo; é como se o Balé do Grande Arrepio de Alegria fosse transformado em uma sinfonia colorida, sobre o fundo azul de seu espaço sem começo nem fim.

Todo o grupo estava extasiado por este espetáculo inesperado. Ficaram um bom momento num silêncio de respeito pelo caráter sagrado deste acontecimento no qual Pena de Ganso e todos os outros exprimiam a felicidade do Grande Retorno.

- É assim que o Grande Retorno se apresenta, a nossos olhos de corpo mental; vemos este Arco-Íris como separado de nós e como alguma coisa de concreto; o Grande Retorno, é necessário vivê-lo fora do corpo mental; Pena de Ganso e os outros já haviam aprendido a fazê-lo por outras vias; como é a primeira vez para a maior parte de vocês, é necessário retornar a nosso corpo aquático e entrar na zona sem corrente de ar.

Na volta, Musinha acabava de compor um pequeno poema: uma quadra inspirada por tudo que ela acabara de viver; ainda sob o impacto da emoção, ela o declamava diante da gruta de Manitu; é como se já entresse o que ela própria ia viver; estava ao mesmo tempo possuída por uma necessidade de traduzir em verso tudo que sentia e de o repartir com todo mundo:

Oh! Grande Espaço Luminoso  
Oh! Belo brilho azul  
Que tua Sabedoria inspire  
O Amor que tu respiras

Todo mundo estava pronto; o grupo estava enfileirado ao longo da corrente de ar fraca; a corrente de ar forte havia desaparecido, assim como a corrente de ar

média; com efeito, não havia mais vento do lado de fora para os sustentar; só uma brisa muito ligeira, suficiente ainda para alimentar esta última corrente de ar.

- Vamos agora – diz Manitu – esquecer o que pensamos que somos; para isto, é necessário que deixemos de pensar, no momento em que entrarmos na zona de corrente de ar. Vocês já sabem como fazer.

Com efeito, haviam feito, também, um longo treinamento para suspender completamente o pensamento. Ondina tinha até constatado que todos os problemas dos ondinos começam com o pensamento. É por isso que à noite, quando dançava sem pensar, ela não tinha mais nenhuma preocupação ou sofrimento moral. Manitu tinha explicado que à noite, quando não se pensava mais, a gente torna-se o Grande Todo, ou melhor, sente-se de novo como o Grande Todo; mas depois se esquece de novo disto, justamente por causa do pensamento de ser uma onda. Para fazer o Grande Retorno, é preciso ainda desembaraçar-se deste pensamento e de todos os outros, porque todo pensamento é uma divisão da realidade.

O pensamento é útil para viver como ondino; ele é um obstáculo completo para efetuar o Grande Retorno. Todo mundo esperava a ordem de Manitu.

- Fixem bem na memória os detalhes desta gruta; segundo os planos do Grande Todo, ele voltará aqui sob a forma de alguns de nós; em outras palavras, alguns de nós voltarão na ocasião do próximo Balé do Grande Arrepio de Alegria.
- E os que não fizeram a experiência do Grande Retorno vão ficar nos reinos que vimos? perguntou Semáforo.
- Sim! É preciso primeiro que eles restabeleçam as condições necessárias à harmonia do Grande Balé; lhes será necessário voltar como ondinos ou humanos. Os que voltarem serão Manitus e irão dirigir o Grande Retorno de um grande número dentre eles, sobretudo daqueles que tiverem vivido em harmonia com os outros e com a Lei do Balé.

Não lhes direi nem “Até logo”, nem “Adeus”, porque daqui a alguns instantes não seremos mais separados; aliás, nunca o estivemos... E agora, vamos!

Todo mundo, a exemplo de Manitu, entrou na zona sem corrente de ar.

## **EPÍLOGO**

Ondina foi a última a se lançar. Olhou bem a gruta, fixou pela última vez todos os detalhes, as rochas, a pequena gruta de Manitu, o corredor de entrada, sentiu a brisa diminuir e aproveitou do último sopro de ar para se lançar na experiência do Grande Retorno.

Já havia deixado seu corpo aquático e se encontrava prestes a flutuar por cima do penhasco, quando viu um traço luminoso saindo do canal do penhasco, traço multicolor; Um pequeno arco-íris foi juntar-se ao grande Arco-Íris, como se o fosse reforçar.

Ondina compreendeu que era o conjunto do vapor d'água desligado pela dissolução dos corpos sutis de água que foi juntar-se ao grande Arco-Íris; uma maneira simbólica de começar o Grande Retorno formando uma unidade com as nuvens de Pena de Ganso e de seus outros companheiros.

Um último pequeno arco-íris saiu do penhasco; era o seu; ela o viu fundir-se ao enorme conjunto colorido. Sentiu então que não tinha mais limites; havia se tornado totalmente translúcida; estava completamente livre; seu espírito começou a crescer, a estender-se pelo espaço; e à medida que se efetuava esta expansão, percebeu que ela era o espaço propriamente dito, o espaço luminoso. .. do começo desta estória:

O Grande Oceano... o Grande Todo!...

Ondina e os ondinos não eram então mais do que um pensamento, uma ilusão... Como nós todos?... Quem sabe?...